

## **Agradecimentos**

Ao meu Pai pela força e estímulo constante com que me guiou, pela influência positiva naquilo que é hoje para mim um sonho realizado e por fazer com que tudo fosse possível, sem nunca deixar de acreditar.

À minha Mãe pelo apoio ao longo de toda a minha jornada académica, pela dedicação e carinho sempre presente e pelo incentivo em todos os momentos da minha vida.

Aos meus irmãos pelo pedaço de mim que carregam com eles, que me dá força para lutar por mim e por eles até ao fim dos dias.

À família que directa ou indirectamente contribuiu de uma forma fundamental para a minha formação enquanto ser humano.

Aos meus colegas pela camaradagem e partilha na missão que nos une a todos para sempre.

A todos os docentes do curso de Arquitectura da Universidade Católica Portuguesa pelo profissionalismo, cumplicidade, devoção e amizade que fizeram sentir ao longo destes anos.

Aos meus amigos que estão e estarão sempre presentes na minha vida e que, também a eles, devo parte do mérito deste trabalho e do que conduziu até ele.

Finalmente, à Tânia pelo amor incondicional, pelo carinho constante nos bons e maus momentos, pelo apoio em todas as fases da minha vida e sempre que mais precisei e pela força, que sem a qual nada seria possível.

Obrigado a TODOS do coração.

# Índice

<b>Resumo</b>	4
<b>Abstract</b>	5
<b>Introdução</b>	6

## PARTE I

<b>1. Envelhecer no séc. XXI</b>	8
1.1.O envelhecimento da População em Portugal	8
1.2. A cidade e habitação amiga dos idosos	9
<b>2. O espaço público</b>	11
2.1. Noção de espaço público	11
2.2. A evolução histórica do espaço público	13
2.3. A cultura do espaço urbano público em Portugal	14
2.4. Vizinhança próxima	16
2.5. Espaços de encontro e convívio	17

## PARTE II

<b>3. Análise</b>	19
3.1.Situação	19
3.2.Vias	19
3.3.Envolvente	21
3.4.Elementos existentes	22
3.5.Elementos relevantes	23
3.6.Hipsometria	23
<b>4. Estratégia</b>	24
4.1.Objectivo	24
4.2.Estrutura	25

## **PARTE III**

<b>5. Referência urbana: O Bairro de Alvalade</b>	27
<b>6. Proposta urbana</b>	31
6.1. Equipamentos	32
6.1.1. Percurso pedonal	32
6.1.2. Zona de lazer	33
6.1.3. Zona desportiva	34
6.1.4. Hortas urbanas	34
6.1.5. Museu da água	35
6.1.6. Mercado	36
6.1.7. Complexo cultural	36
6.2. Habitação unifamiliar	36
6.3. Habitação multifamiliar	37
<b>7. O projecto arquitectónico</b>	38
7.1. O quarteirão	38
7.2. Hierarquia viária	40
7.2.1. Mobilidade	42
7.3. Habitação no piso térreo	43
7.4. A influência do desnível no edifício	45
7.5. Tipologias	46
7.6. Acessibilidades nas galerias superiores	51
7.7. Estacionamento	52
7.8. Tectónica	53
<b>Considerações finais</b>	54
<b>Bibliografia</b>	55
<b>Bibliografia electrónica</b>	57
<b>Anexos</b>	58

## **Resumo**

Neste trabalho é explorado um tema bastante pertinente na actualidade. Trata-se de habitação destinada a idosos, abordando a temática não só em termos habitacionais mas também de vivência urbana em comunidade.

Mantendo esta abordagem como base de todo o trabalho, explora-se também a realidade actual relativamente aos tipos e usos de espaços públicos, mais propriamente os espaços de sociabilidade, associados ao tema das relações de vizinhança.

A estrutura é composta por uma fundamentação teórica sobre a tendência actual do envelhecimento em Portugal e principais preocupações a considerar sobre o tipo de cidade adequada aos mais idosos. Depois aborda-se a temática dos espaços públicos, espaços sociais de convívio e a questão das relações de vizinhança na cidade. Quanto ao projecto desenvolvido, proposto na cidade de Viseu, realiza-se a exposição da situação actual do local, levantamento e análise, abordagem inicial da proposta e o seu desenvolvimento desde a escala urbana ao interior da habitação. É também feito um estudo sobre o bairro de Alvalade, como projecto urbano de referência.

O projecto proposto assenta sobre o tema apresentado, fundamentando-se com base na pesquisa teórica que foi realizada.

Palavras-chave: envelhecimento, espaço público, espaço social, vizinhança próxima, habitação.

## **Abstract**

This work explored a subject out today. It is aimed at elderly housing, addressing the issue not only housing but also in terms of urban life in community.

In keeping with this approach as the basis for all the work, also explores the current reality on the types and uses of public spaces, more precisely the spaces of sociability associated with the issue of neighborhood relations.

The structure consists of a theoretical background on the current trend of aging in Portugal and major concerns to consider about the kind of city proper to the elderly. After explored the issue of public spaces, social spaces of conviviality and the issue of neighborhood relations in the city. As the project developed, proposed in the city of Viseu, the exhibition takes place of the current situation of the site, survey and analysis, the initial approach of the proposal and its development from the urban scale inside the housing. It also made a study of the bairro de Alvalade, urban project as reference.

The proposed project is based on the theme presented, basing itself on the basis of theoretical research that was performed.

Keywords: aging, public space, social space, proximity neighborhood, housing.

## **Introdução**

No âmbito da cadeira de Projecto Integrado Urbano pretende-se desenvolver uma proposta de intervenção para um vazio urbano, numa zona periférica da cidade de Viseu. O trabalho incide desde o início sobre um tema designado: “Habitar e envelhecer no Séc. XXI”. O processo desenvolvido segue vários passos que vão desde a interpretação, análise e reflexão da situação actualmente existente no local e sua relação com a cidade, até ao conteúdo proposto em diferentes escalas que vão desde a escala urbana, definição da parcela habitacional específica e organização da habitação.

A proposta engloba um conjunto de valências para o local, como equipamentos desportivos, de lazer e culturais, algumas hortas urbanas e habitação multifamiliar e unifamiliar. Estes elementos que são desenvolvidos revertem especial atenção para as pessoas mais idosas, incidindo sobre questões específicas como a segurança, mobilidade, relação e apoio social, conforto e qualidade ambiental.

O subtema escolhido para a dissertação é: “Dinâmicas de espaços sociais – Relações de vizinhança”. Este tema é escolhido numa fase em que o trabalho se aproxima do desenvolvimento das tipologias habitacionais e a ideia surge a partir da própria linha orientadora inicial, numa fase em que a solução incidia sobre a questão dos diferentes espaços públicos que surgem ao longo dos vários percursos e a sua importância na vivência de uma tipologia habitacional de bairro que promove as relações de sociabilidade entre idosos. O objectivo desta dissertação pretende aprofundar o tema das dinâmicas de espaços sociais, no âmbito da interacção entre o indivíduo e o espaço em que vive, a definição e caracterização de espaços específicos e as sensações que são transmitidas, mantendo sempre esta relação com o tema principal do habitar e envelhecer no séc. XXI.

Relativamente aos elementos de referência de interesse para a investigação deste tema destaca-se o Bairro de Alvalade em Lisboa, exemplo a seguir e que se pretende explorar no trabalho através de uma análise detalhada em várias escalas.

***“Os espaços sociais de diversão e exibição são hoje tão vitais para a cultura urbana como os espaços de residência e de trabalho”***

*David Harvey  
(1985:256)*

## PARTE I

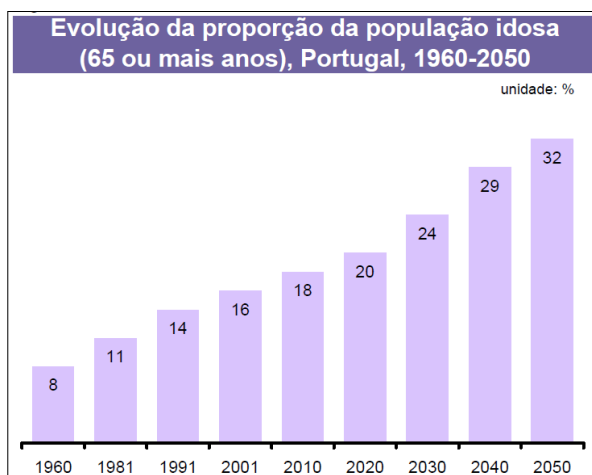
### 1. Envelhecer no séc. XXI

#### 1.1. O envelhecimento da população em Portugal.

O envelhecimento da população é dos fenómenos demográficos mais relevantes do séc. XXI nas sociedades desenvolvidas, devido às suas implicações na esfera socioeconómica, para além das modificações que se reflectem a nível individual e em novos estilos de vida, como referem Carrilho e Gonçalves (2004). As estatísticas demonstradas actualmente pelos dados do Instituto Nacional de Estatística, revelam um panorama de crescimento acentuado dos índices de envelhecimento populacional até ao ano de 2050. A tendência para este crescimento súbito do envelhecimento atribui-se, não ao decrescente índice de mortalidade como anteriormente se pensava, mas ao declínio da fecundidade e aos fluxos migratórios, factores que se associam também ao aumento da longevidade.

De acordo com dados da OCDE (2001), na maior parte dos países membros, as pessoas idosas representam um segmento da população em crescimento acelerado. Em 2030, estima-se que pelo menos uma pessoa em cada cinco terá mais de 65 anos e que no ano de 2050, o número de pessoas com idade superior a 80 anos ultrapassará em três vezes o número actual (Teles, 2006).

Como é possível constatar no gráfico da fig. 1, prevê-se que o número de idosos residentes em Portugal no ano de 2050 duplique relativamente ao ano de 2001. Esta tendência obriga a uma reflexão cada vez mais importante, sobre temática da cidade amiga das pessoas idosas, desde a escala urbana ao mais pequeno compartimento da habitação.



**Fig. 1** - Carrilho, M. J., Gonçalves, C., 2004. Dinâmicas Territoriais do Envelhecimento - análise exploratória dos resultados dos Censos 91 e 2001. [imagem online] INE. Disponível em: <[http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_estudos&ESTUDOSest\\_boui=106187&ESTUDOSstema=55466&ESTUDOSmodo=2](http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_estudos&ESTUDOSest_boui=106187&ESTUDOSstema=55466&ESTUDOSmodo=2)> [Acesso em 23 de Outubro de 2011].

## 1.2. A cidade e habitação amiga dos idosos

O principal objectivo a ter em consideração na ideologia de uma cidade que respeite a vida de uma pessoa idosa é todo um conjunto de facilidades que permitam o funcionamento das suas vidas de uma forma autónoma e independente. De forma a potencializar este ritmo activo é importante destacar três temas principais: participação, autonomia e saúde (Fonseca, n.d.).

Envelhecer com qualidade é sinónimo de manter um funcionamento físico e mental elevado, manter um envolvimento activo com a vida e levar um estilo de vida saudável. Viver em comunidade facilita este ritmo, garantindo aos idosos um universo mais alargado de apoios humanos. Em contrapartida, viver em instituição tende a constituir um sentimento de insatisfação, com o afastamento das suas redes sociais e dia-a-dia monótono, embora o ritmo de vida seja menos agitado.

De acordo com a publicação em 2007 da Organização Mundial de Saúde (OMS), as principais áreas a considerar numa cidade amiga dos idosos são os espaços exteriores e edifícios, os transportes, a habitação, a participação social, o respeito e inclusão social, participação cívica e emprego, comunicação e informação, apoio comunitário e serviços de saúde.

As características prioritárias relativamente aos espaços exteriores centram-se em questões como a necessidade de ter um ambiente agradável e limpo, os espaços verdes tratados, limpos e de utilização facilitada, zonas de descanso onde se possa fazer pausas numa caminhada ou para simples convívio e ambientes seguros que promovam a participação das pessoas.

A acessibilidade deve ser natural e pouco forçada, eliminando possíveis barreiras físicas, que desencorajam os idosos a sair de casa. Os passeios devem ser lisos, nivelados e antiderrapantes, com largura suficiente para cadeiras de rodas sem obstáculos e sempre tendo em conta a prioridade do peão.

Os edifícios devem também manter características para facilitar a vida dos mais idosos, como elevadores, escadas rolantes ou equipamentos mecânicos de apoio, rampas, portas e passagens largas, escadas pouco íngremes e sinalização de fácil leitura. Outro aspecto importante a considerar é os serviços de bens necessários, que devem ser localizados nas proximidades locais das residências dos idosos e facilmente acedidos, como a mercearia ou a

loja de conveniência local. Estes locais podem também funcionar dando prioridade ao idoso, colocando, por exemplo, caixas de pagamento prioritárias, para evitar as filas ou bancos de descanso nestas situações, como sugere a OMS (2007).

A maioria das pessoas idosas hoje em dia vive nas suas próprias residências de forma independente, daí a necessidade inevitável de serem criadas habitações expressamente indicadas para estas pessoas, possibilitando e facilitando esta mesma independência (Marcus e Francis, 1998). A escolha da habitação está muitas vezes diretamente ligada aos fatores que foram referidos anteriormente.

A localização da habitação junto a zonas públicas de qualidade e a serviços de apoio comunitário e social é também um aspecto que contribui para a independência e qualidade de vida dos idosos. A habitação a um preço acessível é normalmente a mais procurada por estas pessoas, que na maior parte dos casos vive de pensões e de rendimentos muito controlados.

Em termos de projecto, a habitação deve ser construída com materiais apropriados, ter em consideração áreas que facilitem a mobilidade de pessoas com limitações físicas, controlo térmico e ventilação bem calculados, assim como todas as exigências de equipamentos ergonomicamente ajustados. Devem também ser versáteis, possibilitando modificações ou ajustes, que para o caso específico se torna importante. Em geral, a habitação deve proporcionar bem-estar e conforto ambiental ao idoso, provocar sentimento de segurança e acolhimento e garantir uma integração continuada na comunidade de forma activa.

O sentimento de insegurança é um dos grandes factores que condicionam a utilização dos espaços públicos pelas pessoas idosas. O medo de cair ou de ser abordado por um estranho, são razões que causam imensa insegurança. Desta forma, é importante ter em consideração aspectos como desenvolver espaços que sejam visíveis através da maioria das habitações vizinhas, definir claramente as áreas de uso e controlo dos residentes das de uso público generalizado, facilitar a leitura dos percursos de acesso ao interior das habitações, evitando o risco de se poderem perder, garantir iluminação suficiente nos locais de percursos e estadia, com os pavimentos bem iluminados de forma a impedir a falta de visualização de algum objecto ou obstáculo mais imperceptível (Marcus e Francis, 1998).

## 2. O espaço público

### 2.1. Noção de espaço público

O conceito de espaço público, enquanto elemento caracterizador de cidade, define-se de uma forma geral como território de uso comum, pertencente ao poder público. A reflexão sobre estes espaços remete-nos para uma vasta complexidade de tipologias e ambientes e também de utilização social, factor principal para definição física do próprio espaço.

Podemos considerar espaço público como fundador da forma urbana, e o espaço “entre edifícios” que configura o domínio da socialização e da vivência comum, como bem colectivo da comunidade. Podendo ser ou não de propriedade pública, os espaços públicos devem ser sempre vistos como bens de utilização livre, de acordo com um padrão de uso colectivo e socialmente aceite (Brandão, 2011).

O universo de espaços públicos existente pode ser repartido em três elementos definidores, conforme a configuração e vivência: a rua, a praça e o parque público.

A rua, embora tenha uma definição muito abrangente, trata-se de um espaço multifuncional, fortemente caracterizados por movimento de peões e veículos, servindo também como meio de acesso a edifícios. É um espaço dinâmico de interacção e sociabilidade, onde a agitação urbana é mais intensa. Não é apenas um local de passagem, mas um local de permanência, devendo oferecer aos transeuntes diversidade, segurança, conforto e utilidade.



Fig. 2 – Rua Direita, Viseu.



Fig. 3 – Rua Formosa, Viseu.

A praça é um elemento público de convívio e recreação por excelência, embora se trate de um espaço que varia morfológicamente e funcionalmente de acordo com o meio cultural em que se insere. A sua conotação está muito ligada à prática de manifestações, onde a comunidade se reúne em maior massa. Normalmente é um ponto agregador de várias vias onde se circula pedonalmente, que se associa a um equipamento público de relevo na cidade ou a edifícios históricos. Cada vez mais, na nossa cultura, a praça é apropriada de equipamentos de lazer, como cafés e bares, actividade nocturna intensa, mercados e feiras semanais ou sazonais e equipamentos temporários. Trata-se portanto de um lugar de valorização para o indivíduo e para a colectividade de uma cidade.



Fig.4 – Praça do Rossio, Viséu.



Fig.5 – Praça 2 de Maio, Viséu.

A noção de parque urbano associa-se a um espaço livre de edificado, caracterizado por uma grande abundância em vegetação. Tem a função de oferecer aos habitantes o contacto com a natureza, como forma de retiro à vida de agitação no interior da própria cidade, propiciando lazer e recreação aos utilizadores. Estes espaços têm também normalmente uma componente activa, onde se pode encontrar campos desportivos ou mesmo percursos de manutenção utilizados diariamente pelas pessoas. É também frequente encontrar associado a estes espaços, uma serie de equipamentos culturais como museus temáticos ou jardins de carácter lúdico e educativo, assim como mobiliário urbano de repouso que evoca a relação entre o bem-estar e a natureza para indivíduo ou grupos em socialização.



Fig.6 – Parque municipal de Viseu



Fig.7 - Parque do Fontelo, Viseu

## 2.2. A evolução histórica do espaço público

O espaço público, tal como a própria cidade na sua larga escala, evolui tanto em termos arquitectónicos como sociais. Aquilo que definia estes espaços, em meados do séc. XVIII, como locais reservados e selectivos, específicos para as elites sociais da época, passa mais tarde a local de bem-estar, de cultura urbana e participativa, no final do séc. XX.

A utilização dos espaços públicos até ao séc. XVIII destinava-se à celebração do poder dos reis e aristocracia, definindo-se como lugar honorífico. É, por exemplo, o caso dos lugares de cerimónia das cidades medievais e renascentistas que, de tempos a tempos, albergavam verdadeiros quadros humanos reveladores tanto da autoridade real como das obrigações da cidade para com ela (Boyer, 1994; Sennett, 1978 citados em Fortuna, 1999).

Mais tarde, com as revoluções políticas, começam a surgir os primeiros locais de encontro social e de debate de ideias. O espaço começa a ser alvo de disputas sociais, acabando por se desfragmentar após a industrialização, em diferentes locais que se repartiam pelo domínio dos ricos e pelo domínio dos mais pobres. Surgiam as grandes avenidas por entre os bairros e zonas insalubres e degradadas de residências operárias (Engels, n.d.). Face a estes acontecimentos, o estado vê-se obrigado a garantir a satisfação das necessidades básicas dos sectores sociais (habitação, transporte, educação, saúde).

Já no início do séc. XX, as cidades atravessam uma metamorfose mais ligada à preocupação cívica, contribuindo com equipamentos sociais diversos para a sociedade no geral e a cidade passa cada vez mais a ser um local de todos. Neste contexto, os espaços

públicos começam a surgir em grande número, contribuindo para a qualidade de vida das pessoas, que hoje os utilizam como se fosse delas próprias.<sup>1</sup>

### 2.3. A cultura do espaço urbano público em Portugal

A produção e o consumo são hoje em dia factores dominantes de ordenamento e significação social. O consumo, lazer, turismo e cultura constituem os principais factores de reorganização económica, espacial e paisagística das cidades. Visto isto pode-se observar uma série de novos espaços que surgem como forma de dar resposta a esta nova evolução das práticas culturais dos cidadãos.

Os espaços públicos representam hoje não só fontes de investimento e de recriação de estilos de vida, mas também o confronto com estranhos da própria cidade ou mesmo de fora dela. Estes espaços assumem também a própria relação entre o cidadão e a cidade na medida em que também lhe pertence, portanto tem uma personalidade própria que é respeitada e avaliada.

A cidade conforme a sua evolução, vai sendo criada como que um objecto de marketing onde são accionadas estratégias políticas e económicas para a sua promoção.

Destacam-se quatro tipos diferenciados de espaços que são vistos como hipóteses de trabalho no âmbito dos espaços lúdicos:

O primeiro refere-se aos espaços de vocação marcadamente comercial, onde não se pretende apenas satisfazer a necessidade quotidiana, mas para consumos ligados ao convívio e de carácter social, quer lúdicos quer culturais, assim como centros comerciais, de comércio exaustivo, zonas de lazer nocturno, restaurantes, bares e etc. Nestes espaços combina-se o consumo com o lazer, tempos livres e sociabilidade urbana. O novo surgimento em massa dos centros comerciais provoca alterações ao nível do planeamento urbano, constituindo novos pólos de atracção e deslocação de massas. As características destes “novos” espaços fazem deles não mais do que um prolongamento do espaço doméstico, acabando por se revelarem espaços semi-públicos.

---

1 - Fortuna, C., (2005). *Cidade e Cidadania: perspectivas sociológicas sobre os espaços públicos urbanos*. Actas do Congresso da Cidadania.

O segundo tipo de espaço surge nos centros históricos, praças públicas e outras zonas reabilitadas da cidade. Estes são convertidos em espaços de vocação patrimonial de acesso livre, fortemente controlados pelos poderes públicos e também com características comerciais. São exemplares que sustentam o poder histórico da cidade e sujeitos ao mercado turístico e promocional. Esta sua potencialidade faz deles símbolos da história e lugares cosmopolitas, organizados em torno do lazer, do turismo e da estetização da paisagem cultural urbana. No caso de Viseu isto é bem visível no seu centro histórico, que foi densificado com vivência fortemente activa, animação colectiva, valor histórico-cultural, modelado de acordo com os estilos de vida e padrões de consumo dos mais favorecidos material e culturalmente.

O terceiro tipo de espaço implica as zonas de lazer e consumo cultural, polarizadas por grandes equipamentos de oferta cultural ou lúdica. Estes são espaços promovidos e regulados pelos poderes públicos e privados ou ambos. Normalmente estruturam-se a partir de grandes equipamentos potencializadores de zonas de lazer e recreação, geralmente ao ar livre, complementadores ou alternativos ao que o equipamento oferece. Podem ser bibliotecas, museus ou até mesmo parques temáticos e polivalentes (ex. Casa da Música, Porto). Trata-se de espaços de cruzamento de públicos e utilizadores heterogéneos, onde o consumo se associa a actividades de lazer, recreação e entretenimento.

O quarto tipo refere-se aos espaços criados pela realização de eventos culturais ou lúdicos de duração limitada, como para festivais, espectáculos, exposições, feiras, festas, desfiles de moda e etc. Tanto podem ser efémeros como podem cristalizar funções de cariz cultural ou lúdico, dependendo da sua vocação. Normalmente fazem parte de zonas exploradas pelo estado ou privados com o apoio do estado para recuperação de terrenos abandonados ou residuais. Estes promovem três tipos de efeito sobre o território: requalificação de espaços da cidade que acabam por permanecer tratados; efeitos de utilização cíclica, no caso de certo tipo de festas feitas regularmente; efeitos de utilização pontual, regressando depois ao estado de abandono. Este tipo de realizações tem o efeito de, devolver ou recrear, provisória ou continuamente, vida aos espaços inutilizados, fomentando novas formas de criar espaço público, onde interessa não só a organização mas também a utilização (Fortuna, 1999).

Todos os espaços que foram apresentados assumem um papel preponderante na estruturação da vida pública das cidades. Podem ser lugares de passagem e distracção, mas são palco de relações e encontros entre sujeitos e da sua relação com a cidade.

## 2.4. Vizinhança próxima

Podemos definir que “uma vizinhança próxima constitui uma unidade residencial, organizada funcionalmente e espacialmente em torno de um espaço exterior, onde se tendem a estabelecer relações de vizinhança significativas entre os moradores, e onde as crianças até aos 9-10 anos tendem a encontrar os seus espaços e companheiros de recreio (Statens Planverk, 1972; Coelho, 1993 citados em Manso, 2000, p. 44).

Na óptica de uma cidade amiga das pessoas idosas, torna-se imperativo criar uma estrutura urbana que ofereça espaços de convívio ou de participação social activa, destinados a um determinado conjunto de moradores, onde cada um deles reconhece estes espaços como deles próprios. O desenvolvimento de uma área habitacional, onde os edifícios se relacionam directamente com um determinado espaço público, motiva os moradores a utilizarem o espaço e a relacionarem-se mais frequentemente com os vizinhos. Como exemplo de referência, pode-se destacar o projecto do atelier Laverdière Architects em Saia (2000), Montreal (Fig.7 e 8).

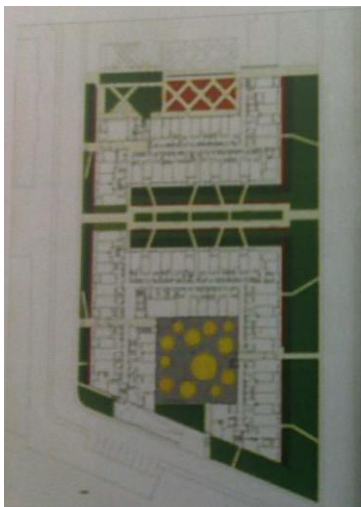


Fig.7 - Planta térrea do conjunto habitacional do atelier Laverdière Architects em Saia (2000), Montreal.



Fig.8 – Imagem do conjunto habitacional do atelier Laverdière Architects em Saia (2000), Montreal.

Como defende Coelho (2005), bolsas de vizinhança de proximidade protectoras, conviviais, com dimensão pequena e claramente configurada e uma imagem urbana humanizada e muito apropriável, configuram espaços públicos extremamente agradáveis e positivamente caracterizados, nos quais a arquitectura dos pequenos edifícios de certa forma se “apaga” também de uma forma positiva, o que interessa aqui é que estamos em presença de um pequeno pedaço de cidade. A relação com a envolvente e com a colectividade, deve ser

servida por uma atractividade geral e espacial ao nível de um micro-urbanismo que reforça a presença da vizinhança de proximidade e suscita adesão, marcando uma relação de proximidade que é também ponte de relação com a envolvente.

Nas vizinhanças próximas urbanas e residenciais, que são os principais e “primeiros” elementos de uma cidade coesa, humanizada e vitalizada, é fundamental a importância da boa forma geral e da boa pormenorização pois aqui estamos no mundo da proximidade, sítio de olhares muito frequentes e muito chegados, sítio com muitas e exigentes funcionalidades, sítio vital de transição entre o mundo privado de cada um e o mundo público e cidadão que é de todos, sítio que quando falta ou quando defeituoso acarreta inúmeros problemas.

## 2.5. Espaços de encontro e convívio

Os espaços que pretendem oferecer aos moradores mais próximos dinâmicas de sociabilidade e interacção social, são normalmente “espaços de pequena dimensão, que facultam o convívio diário junto da habitação, sendo complementares dos grandes espaços da cidade (...). Valorizam-se com a proximidade de equipamentos comerciais, proporcionando a criação de esplanadas, zonas de estada e jogos tradicionais portugueses ou mesmo jogos sedentários. Para que possam proporcionar segurança e tranquilidade, estes espaços devem estar isolados do trânsito automóvel. Todavia, devem estar ligados à rede de peões e bicicletas.”<sup>2</sup>



Fig.9 – Habitação social na Maia, projecto do Arq. João Carlos Santos.



Fig.10 – Conjunto residencial em Faro, projecto de Arq. Lopes da Costa.

---

2 - MANSO, Á., 2000. *Espaços exteriores urbanos sustentáveis: guia de conceção ambiental*. Lisboa: Intervenção Operacional Renovação Urbana. P. 44

A criação de espaços funcionalmente distintos e que ofereça uma variedade de usos maior, potencializa um maior interesse, principalmente pelos mais idosos, em participarem do espaço exterior. Assim é possível agradar a vários gostos, oferecendo locais onde se promove a interacção entre pessoas e outros de maior intimidade e privacidade.

Na perspectiva de Coelho (2011), uma forma de promover o convívio nos espaços públicos reside na configuração de troços urbanos estratégicos e recintos de vizinhança próxima que sejam naturais geradores de convivência informal, por exemplo, à volta da mesa do café ou da esplanada, a participar num jogo de grupo ou simplesmente a assistir ao mesmo.

Relativamente à adequação deste tipo de espaços para as pessoas mais idosas, é necessário pensar que “as actividades que aqui se desenrolam são, geralmente sedentárias, sendo a área necessária para criar estes espaços reduzida, variando com o número de utentes e com a sua estruturação etária. Este tipo de zonas pode funcionar complementarmente, quando associados a espaços de recreio infantil. Aqui, também toma particular importância a insolação diária (de 4 horas em dois terços da área total), bem como a sua localização e concepção. (...) Cada vez mais se concentra a necessidade de ocupação de tempos livres de adultos e idosos nas cidades. Assim, a criação destas áreas desenvolve o sentimento de vizinhança e a manutenção da convivência entre os habitantes, com repercussão na qualidade de vida da população e sua identificação social e cultural.”<sup>3</sup>

---

3 - MANSO, Á., 2000. *Espaços exteriores urbanos sustentáveis: guia de concepção ambiental*. Lisboa: Intervenção Operacional Renovação Urbana. P. 44

## **Parte II**

### **3. Análise**

#### 3.1.Situação

As primeiras impressões na visita ao local são a forte relação altimétrica que existe entre a zona de intervenção e a cidade de Viseu, as vistas, o desnível acentuado do terreno e a massa vegetal densa. O sossego e o contacto com a natureza são elementos que se sentem de uma forma imediata e a envolvente de bairros distintos distingue-se ao longo do percurso de reconhecimento do local.

#### 3.2.Vias

A zona de intervenção encontra-se fortemente delimitada com duas vias de acesso à cidade (a norte e a sul), pelo Parque do Fontelo e por bairros de carácter fortemente habitacional, que surgem na envolvente de uma forma pouco organizada e difusa.

As vias principais existentes são o eixo de ligação Viseu - IP5 e Viseu – Satão (fig.2).

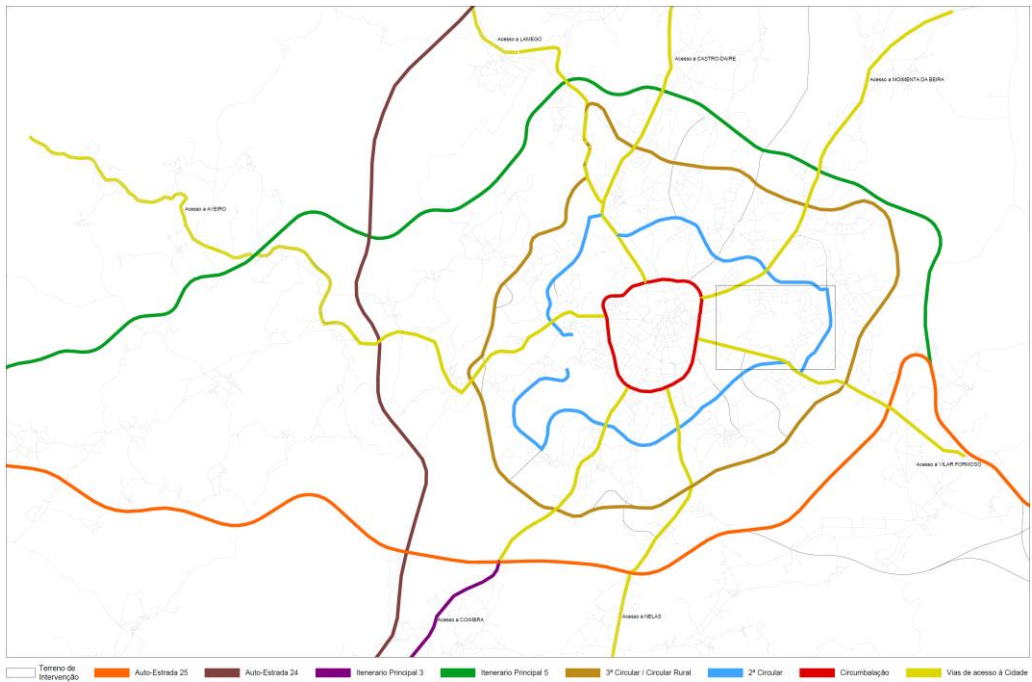


Fig.11 – Estrutura viária da cidade de Viseu



Fig.12 – Estrutura viária da cidade/vias principais na zona de intervenção

### 3.3. Envoltura

O perímetro é delimitado pelo bairro de Gumirães a norte, o bairro do Viso norte e do Viso sul a nascente, o Bairro da PSP e o Bairro de Santa Eulália a sul e o Parque do Fontelo a poente (fig.3).



A norte, o Bairro de Gumirães identifica-se uma estrutura consolidada e um planeamento com organização regrada. A zona nascente é caracterizada por quarteirões distintos, que não seguem uma lógica de conjunto, revelando-se um misto de edifícios de habitação multifamiliar e unifamiliar fora de escala. Este facto leva a presumir que durante intervenções ao longo do tempo, nem sempre existiu uma preocupação com as pré-existências. A Sul destaca-se a morfologia do terreno, que conduziu a uma situação urbana desorganizada com edifícios que se adaptam aos desníveis existentes. Aqui surge algum comércio e alguns equipamentos industriais, que desvalorizam a qualidade habitacional próxima.

### 3.4.Elementos existentes

O interior do terreno é caracterizado por caminhos pedonais que ligam os diferentes bairros e pela presença de quintas com alguma actividade agrícola em exploração (Fig.4). A vegetação é variada, encontrando-se diferentes exemplares de pinheiros bravos, carvalhos, castanheiros, oliveiras, medronheiros, giestas e diferentes tipos de vegetação silvestre.

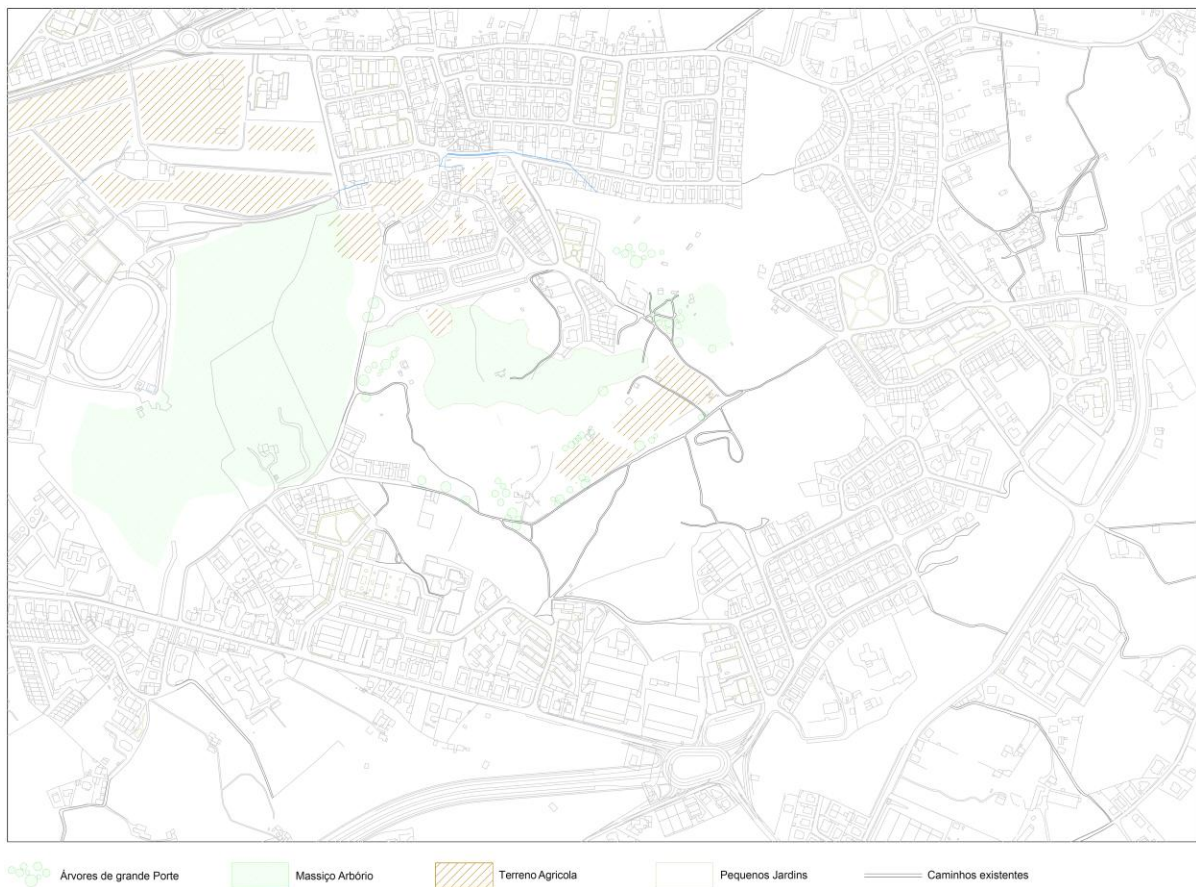


Fig.14 – Identificação de elementos na zona de intervenção

### 3.5.Elementos relevantes

Relativamente aos elementos de maior relevância dentro deste perímetro, destaca-se a forte presença do maciço arbóreo (fig.3), um elemento rochoso de grandes dimensões que funciona como eira (fig.4), a presença marcante da vegetação do Parque do Fontelo (fig.5) e as vistas sobre o Monte Sta. Luzia, a Serra do Caramulo e sobre a Sé de Viseu. Todos estes elementos foram preponderantes no desenvolvimento global da proposta.



Fig.15 – Maciço arbóreo



Fig.16 - Eira



Fig.17 – Vegetação do Fontelo

### 3.6.Hipsometria

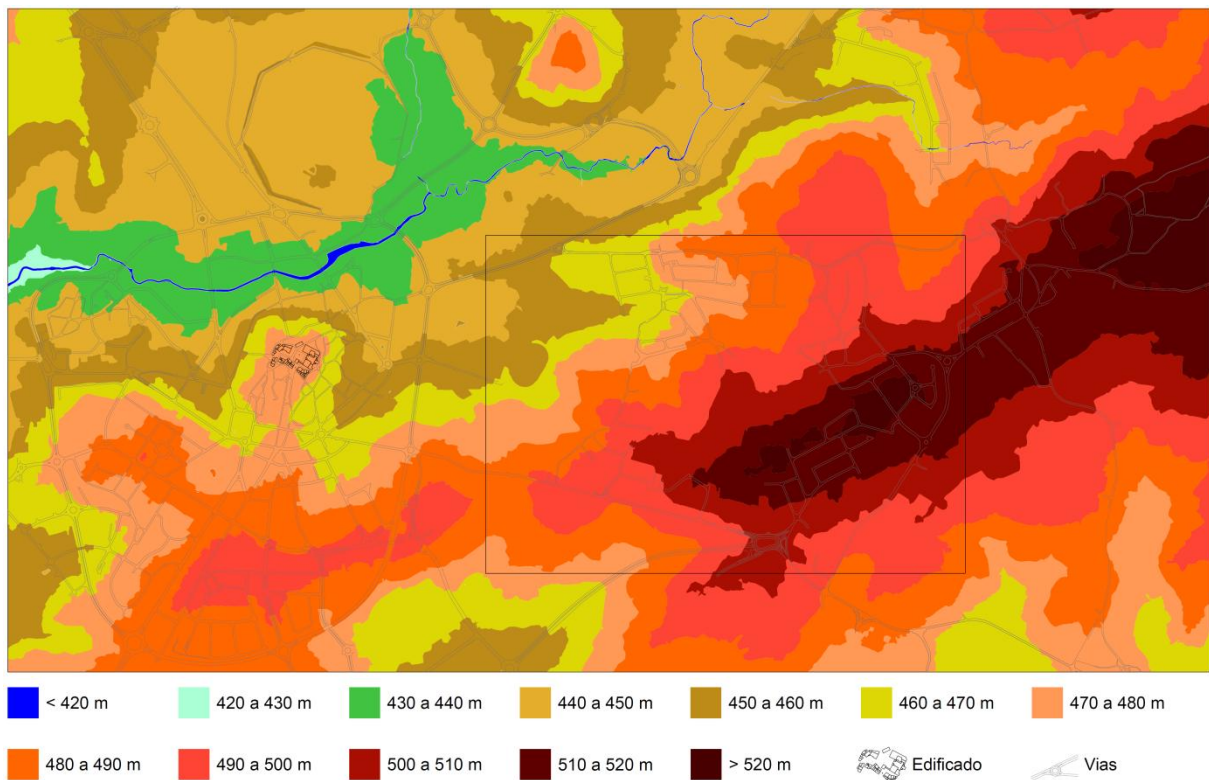


Fig.18 – Planta hipsométrica

## **4. Estratégia**

### 4.1.Objectivo

O objectivo inicial da proposta, é a criação de um espaço dinâmico de mobilidade tanto automóvel como pedonal. A resposta a esta preocupação passa pelo desenvolvimento de uma estrutura viária, com hierarquias bem definidas, que ligue de uma forma linear, os principais acessos à cidade. Assim é garantida a integração da nova zona da cidade na própria cidade, facilitando a mobilidade de todos os que queiram usufruir deste espaço.

Seguindo esta linha de pensamento, é importante depois garantir a fluidez entre os diferentes bairros. A ideia é criar um conjunto de vias que distribua os acessos aos diferentes espaços urbanizados, garantindo uma lógica de conjunto e de fácil mobilidade. Esta fusão pretende seguir uma reinterpretação do sistema viário existente, onde a nova rede se associa às vias incompletas e corrige potenciais zonas problemáticas.

Relativamente aos elementos existentes, a intenção é manter o maciço arbóreo e a eira e tirar partido destes para criar equipamentos que se relacionem com os elementos e com a proximidade ao Fontelo.

## 4.2.Estrutura

A estrutura final da proposta demonstra claramente o conceito e a malha final descreve uma nova zona, onde os bairros existentes parecem intrínsecos entre si, não existindo a forte desconecção actual. Esta fusão atinge não só a rede viária, mas também a própria edificação. A estrutura do conjunto distingue diferentes zonas programáticas, que se organizam de acordo com as pré-existências e com a morfologia do terreno. A intenção é a aproximação gradual de escalas do conjunto, adaptando os novos programas propostos, à situação existente. Assim, é criada na zona mais central da área de intervenção a zona de equipamentos, tirando partido das pré-existências naturais e da proximidade com o Parque do Fontelo, garantindo também uma certa fronteira entre a zona de habitação multifamiliar e uni familiar. Desta forma é possível obter uma maior uniformidade na distinção de zonas, que são definidas pelo tipo de habitação e vivência. A Sul organizam-se as habitações multifamiliares e equipamentos, onde é possível garantir maiores ganhos solares (face à problemática do terreno com pendente orientada a norte) e vistas com mais qualidade. É também nesta zona que existem actualmente os edifícios mais elevados e actividade comercial mais intensa, tirando assim partido da situação já existente. Na zona a norte, a situação actual é de habitações unifamiliares, com uma organização muito similar e a proposta mantém essa tipologia, reinterpretando as habitações actuais e requalificando espaços residuais sem utilização nem interesse.



Fig.19 – Evolução da estrutura espacial  
(cheios/vazios)

## PARTE III

### 5. Referência Urbana: O bairro de Alvalade

O bairro de Alvalade, projectado pelo arquitecto e urbanista Faria da Costa em Lisboa, surge numa fase em que se revela urgente a criação de habitações económicas, em pleno estado novo, mais especificamente a partir de 1946. Esta necessidade conduziu a uma grande racionalização da organização espacial para este lugar específico da cidade de Lisboa, sendo prioritária a construção de habitação em grandes proporções, com modelos de fácil e rápida execução.

O resultado originou habitação para 45.000 habitantes em 230 hectares, 31.000 dos quais habitante em fogos de renda económica, 2.000 em moradias de renda também económica e os restantes marcados por modalidades intermédias de promoção habitacional, como nos indica Coelho (2007).

Este novo bairro caracterizou-se por ser um conjunto integrado de habitações para vários grupos sociais e equipamentos colectivos e serviços dos mais diversos tipos, conjunto este que foi sendo concluído em prazos bem definidos e razoavelmente cumpridos. O bairro acaba por se tornar um símbolo urbanístico modernista.

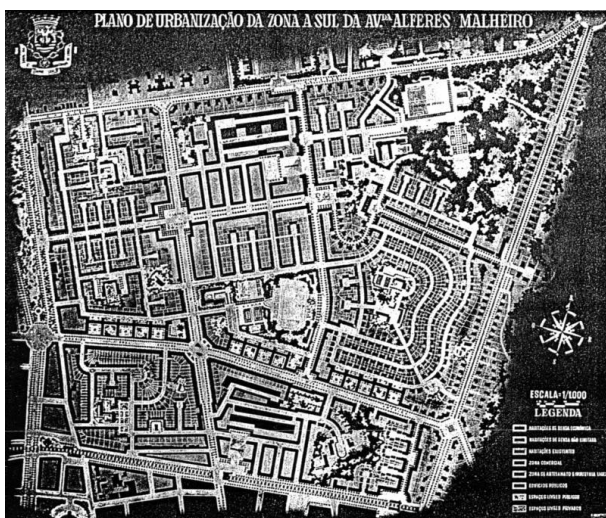


Fig.20 – Planta geral do bairro de Alvalade

Este projecto acabaria por ser nos dias de hoje um exemplar de referência da prática urbanística por excelência, que resultou numa zona de grande interesse urbano, residencial e social/convivial, onde se pode observar uma boa relação entre os edifícios multifamiliares e a utilização do espaço exterior, adequados a um modo de vida pouco citadino. Como nos explica Coelho (2007), o plano criado oferece:

- A benignidade integradora de várias arquitecturas, sem dominâncias cansativas ou pouco cuidadas.
- A neutralidade, a dignidade e a escala humana de um desenho de arquitectura que é global, “rodeando” todo o edifício e integrando atraentemente edifícios e vizinhanças de proximidade.
- A naturalidade da relação entre vários tipos de edifícios destinados a vários grupos sociais, apostando-se numa eficaz disseminação dos potencialmente diferentes grupos socioculturais.
- A “fácil” integração e concentração dos grandes e pequenos equipamentos ao longo das ruas, praticamente sem se provocarem quebras na crucial continuidade urbana.
- A marcação dos percursos e a capacidade de orientação, também proporcionada pela humana e comunitária repartição em grandes grupos de vizinhança, polarizados por equipamentos de proximidade e, depois, em pequenos agrupamentos de vizinhança de proximidade (pracetas e “impasses rodoviários”).

O projecto revela uma grande diversificação morfológica, que se ajusta a uma realidade de território tão vasta como a que se trata. A hierarquização viária associada a toda a escala do edificado, representa uma característica fundamental para a fomentação das relações sociais entre moradores vizinhos.

A execução do projecto começa por desenvolver as grandes vias principais como os eixos Av. Estados Unidos da América/Av. Do Brasil e Campo Grande/Av. De Roma, onde surgem depois as primeiras células de habitação social.



Fig.21 – Imagem da Avenida Estados Unidos da América, Lisboa.



Fig.22 – Imagem da Avenida de Roma, Lisboa.

Centralmente foram criados equipamentos públicos como a igreja e a escola, numa organização que visa influência da cidade-jardim. Os percursos fundem-se de forma a facilitar a mobilidade e acessos e os logradouros contínuos das habitações fundem-se com as ruas de uma forma natural, sendo criados locais apenas de circulação pedestre para promover as relações de vizinhança.

Ao longo dos percursos vão surgindo espaços verdes mais amplos destinados à recreação informal, aos habitantes de cada unidade de vizinhança. A envolvente das células criadas era marcada pela disposição de equipamentos públicos, comerciais e escolares, conferindo ao conjunto urbano as bases funcionais da cidade contemporânea. Todo o sistema desenhado do espaço público procura manter uma vivência que valoriza a circulação e uso do peão, controlando também o controlo da velocidade automóvel nas zonas mais residenciais.



Fig.23 – Imagem urbana do bairro de Alvalade.



Fig. 24– Imagem urbana do bairro de Alvalade.



Fig.25 – Imagem urbana do bairro de Alvalade.

*“Se partilharmos a convicção de que a criação se apoia sobre um adquirido e procede a experimentações sucessivas, é possível escolher referências de um outro modo, é possível utilizar modelos ou experiências realizadas como base de trabalho de projecto, pelas suas qualidades urbanas, pelas qualidades que sugerem e pelas manipulações a que se prestam.”*

*Jean Castex, Charles Depaule, Phillipe Panerai  
Formes Urbaines de l'Îlot à la Barre*

6. Proposta Urbana



Fig.26 – Planta geral da proposta

## 6.1.Equipamentos

Os equipamentos propostos dão resposta às carências actuais desta zona da cidade e ao público em particular a que se pretende dar relevância: os idosos. São propostas zonas de lazer, desportivas, temáticas e culturais. Estas valências pretendem atrair não só os habitantes da zona, mas também de fora, oferecendo infraestruturas suficientes para uma resposta positiva na afluência da população da cidade.

### 6.1.1. Percurso Pedonal

Percurso que liga as valências públicas da proposta (fig.6). O seu desenho pretende associar a zona de lazer, desportiva e hortas urbanas, com o maciço arbóreo existente, criando assim um percurso com diferentes ambientes. O pavimento escolhido é a terra batida, mantendo uma relação natural com o ambiente existente e com a topografia do terreno, um pouco à semelhança dos parques e jardins públicos ingleses, como o caso do Hyde Park. O seu uso pode ser para prática desportiva ou, simplesmente, para passeio. Este percurso está também ligado a um parque infantil, que se desenvolve numa "clareira" formada pela vegetação existente.

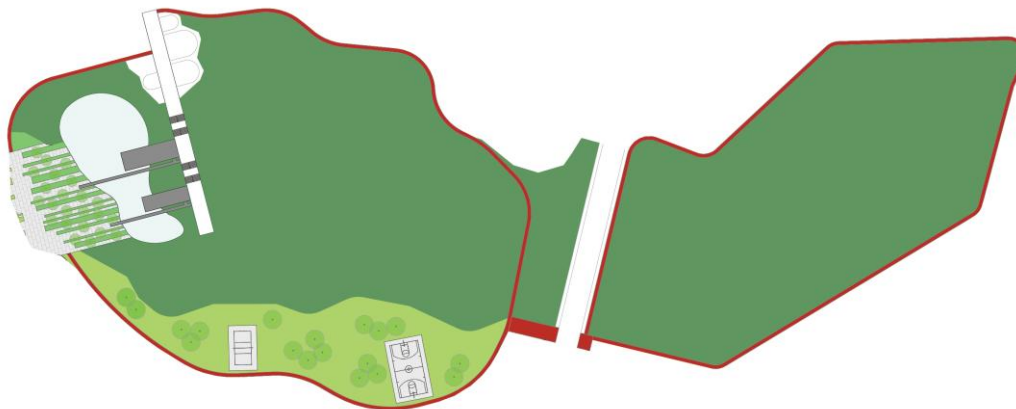


Fig.27 – Percurso pedonal

### 6.1.2. Zona de Lazer

A zona de lazer que se propõe, pretende oferecer ao espaço, um ambiente em proximidade com a natureza existente, recorrendo à presença de elementos naturais existentes como o maciço arbóreo, o maciço rochoso de grande volume e o contacto com o Parque do Fontelo. A implantação do espaço, segue regras próprias do contacto específico com o local.

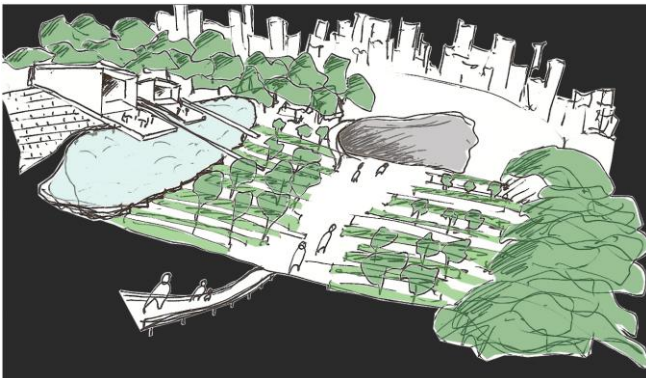


Fig.28 – Esquissa do espaço de lazer

Desta forma surge um espaço público linear, com zonas de repouso em socalcos que acompanham a morfologia do terreno e dois equipamentos, restaurante e bar, que permanecem em contacto com um curso de água em cascata.

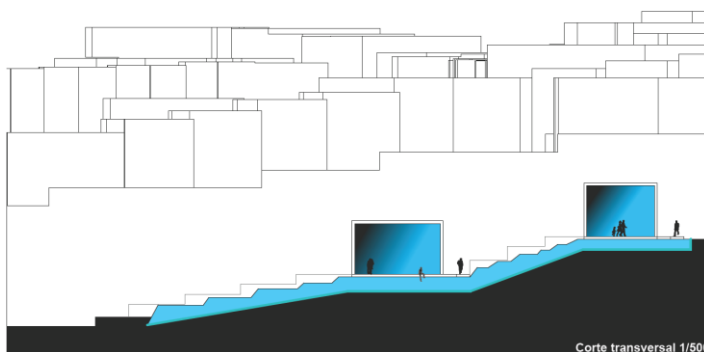


Fig.29 – Perfil da zona de lazer

Esta cascata de água é implantada numa bacia hidrográfica do terreno e o seu funcionamento implica o bombeamento da água através de técnicas mecânicas. A água é mantida em movimento com desníveis existentes, revelando através do som, um factor importante na atmosfera pretendida.

### 6.1.3. Zona Desportiva

Este espaço propõe diferentes tipos de campos desportivos, associados ao percurso pedonal. A implantação adapta-se ao terreno acidentado e isola cada equipamento, de forma a criar diferentes ambientes para cada um. O seu afastamento permite, em cada tipo de actividade, o contacto com diferentes ambientes em contacto com a natureza.

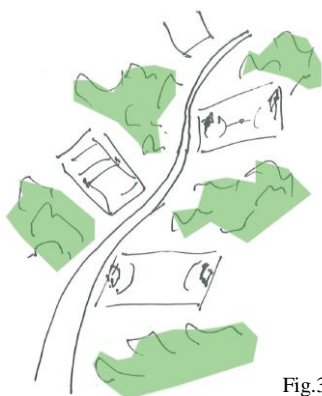


Fig.30 – Esquismo da zona desportiva

### 6.1.4. Hortas Urbanas

A ideia integra um conjunto de hortas urbanas, que conservam a actual memória da quinta existente, onde se pratica a agricultura no mesmo local. A intenção é preservar a memória local e social, conservando também o actual muro de pedra que marca o perímetro da quinta. Estas hortas serão arrendadas por parte da junta de freguesia, oferecendo a oportunidade de utilização, não apenas aos moradores locais, mas a todas as pessoas que possam estar interessadas na aquisição de uma horta. Os lotes, além da intenção de aluguer privado, podem também alguns funcionar como actividade pedagógica ou até funcionar para jardinagem.

A lógica da utilização das hortas, está também ligada aos idosos, uma vez que se trata de uma actividade muito presente na vida das pessoas que vêm das aldeias para a cidade.



Fig.31 – Planta das hortas urbanas

As hortas “deverão estar ligadas à rede de percursos pedonais e integradas na estrutura verde principal. O raio de influência dependerá dos transportes públicos, sendo a sua localização feita em função do fundo de fertilidade e da aptidão do solo. (...) Com equipamento de apoio, deverá proceder-se ao estabelecimento de uma rede de rega e à construção de abrigos para o armazenamento de utensílios, reuniões e divulgação de técnicas de horticultura e floricultura,...”<sup>4</sup>

#### 6.1.5. Museu da água

O museu sugere a requalificação e ampliação do antigo reservatório da água, ligado ao tema da água. Trata-se de um edifício que se encontra em ruína e que se pretende valorizar, adaptando-o a um novo programa ligado à sua antiga utilização.

---

4 - MANSO, Á., 2000. *Espaços exteriores urbanos sustentáveis: guia de conceção ambiental*. Lisboa: Intervenção Operacional Renovação Urbana. P. 52.

#### 6.1.6. Mercado

Equipamento de apoio às hortas urbanas, onde os produtos que são cultivados nestes espaços podem ser comercializados ao público.

#### 6.1.7. Complexo cultural

É desenvolvido por salas de espectáculos para eventos de vários tipos, salas de ateliers e workshops, espaços de apoio à junta de freguesia e zonas multiusos. A implantação do edifício pretende manter uma relação clara com o cruzamento de vias próximo. São dois volumes que se sobrepõem, onde o volume inferior se encontra semi-enterredado, possibilitando o acesso ao volume superior, através extensão de espaço público na sua cobertura.

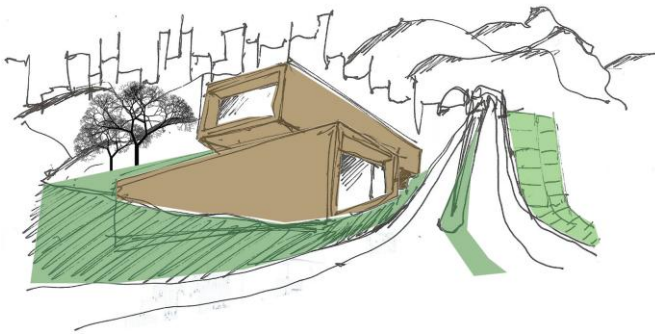


Fig.32 – Esqueto do edifício cultural

#### 6.2. Habitação unifamiliar

As habitações organizam-se de forma a “cozer” um espaço consolidado de habitações do mesmo tipo. Desta forma as habitações relacionam-se com as existentes, repetindo as mesmas tipologias, de uma forma mais organizada.

### 6.3.Habitação multifamiliar

As habitações localizam-se na zona do terreno com pendente mais acentuada de forma a tirar melhor partido das vistas e da exposição solar. É também na proximidade deste local que se encontram os edifícios com maior número de pisos e o comércio, tirando vantagem disso para articular o novo programa habitacional.

## 7. O projecto arquitectónico

### 7.1. O quarteirão

A articulação dos edifícios em diferentes módulos de diferentes volumetrias permite uma maior permeabilidade de circulação entre os vários quarteirões que são desenvolvidos, sendo promovido e facilitado o acesso a outros conjuntos habitacionais de vizinhança próxima. Espaços públicos abertos aos moradores e visitantes, geram uma variedade de espaços de relação social em diferentes escalas e usos.

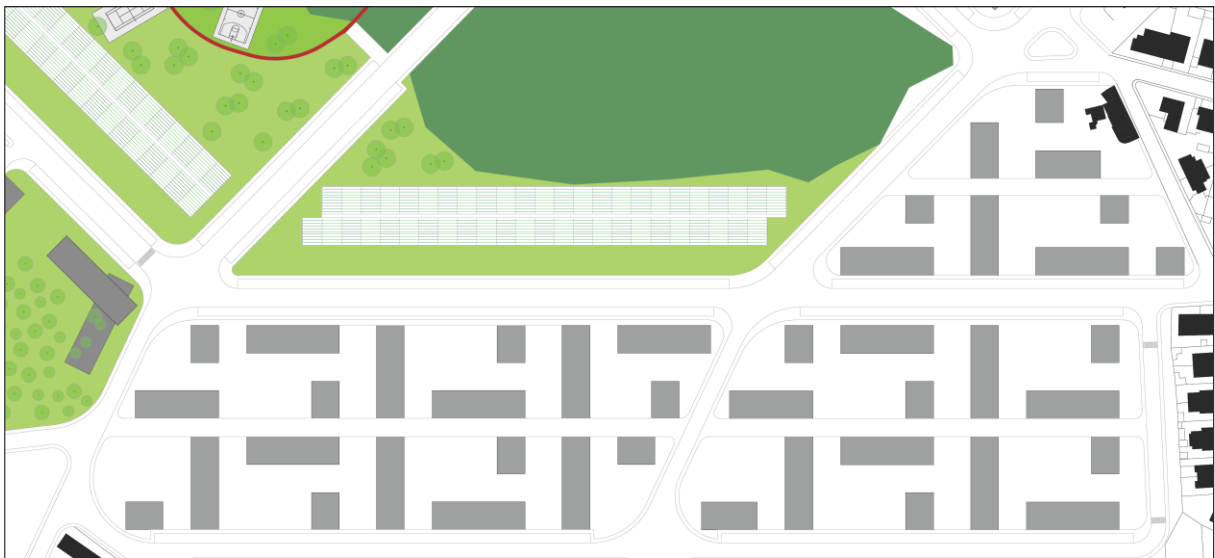


Fig.33 – Planta dos quarteirões de habitação multifamiliar

As sequências estimulantes de pequenos, demarcados e bem articulados e harmonizados cenários residenciais constituem os elementos fundamentais do urbanismo de pormenor, que é aquele sobre o qual quase tudo se deve fazer na arquitectura urbana, como defende Coelho (2005). É essencial desenvolver sítios “únicos” e variados, que promovam a fundamental diferenciação entre lugares e assegurem emoção na percepção do espaço urbano habitado.

Ao longo dos percursos entre os quarteirões criados, surgem pequenos equipamentos que promovem a relação entre vizinhança e a vivência pública de uma forma activa, como cafés, restaurantes, quiosques, além de algum comércio e serviços como mercearias,

farmácias ou outro tipo. Estes espaços complementam-se com uma envolvente de zonas verdes e percursos com mobilidade facilitada através de escadas pouco acentuadas e rampas.

A variedade, a riqueza, a atractividade e a agradabilidade do jardim residencial de vizinhança, um modelo de espaço público cujo interesse funcional e de imagem ao nível vicinal e urbano e cuja importância estão ainda longe de serem justamente reconhecidos, seja para o recreio e lazer, seja para a formação dos mais novos e para o dia-a-dia dos mais velhos, seja para o convívio entre todos, seja para o equilíbrio microclimático local, seja para a própria saúde psicológica dos residentes (Coelho, 2005).

Os espaços exteriores de carácter residencial devem oferecer aos moradores uma variedade de pequenos locais para socializar e conviver, incluindo áreas mais pequenas dentro dos espaços com maiores dimensões, como defendem Marcus e Francis (1998). Grandes espaços multiusos são normalmente pouco adequados para a socialização informal.



Fig.34 – Planta do interior do quarteirão

## 7.2. Hierarquia viária e de espaços

O espaço urbano é um conjunto integrado de espaços interiores e exteriores, um espaço contínuo e tornado legível por hierarquias e estruturado por transições e continuidades, que vão lembrando o que fica para trás e antecipando agradavelmente o que está para a frente, numa sequência ramificada que se quer sempre bem presente e clara (Ken Kern, n.d., citado por Coelho, 2005). Um exemplo interessante de referência é o bairro das estacas, integrado no conjunto urbano do bairro de Alvalade (fig.9).



Fig. 35– Imagem do espaço exterior do conjunto habitacional no bairro das estacas, Lisboa.

A hierarquia viária foi também um ponto de especial preocupação, uma vez que se pretende criar conjuntos habitacionais, onde prevalece o movimento pedonal e não o automóvel. Toda a rede viária que se desenvolve permite estabelecer uma forte dinâmica de proximidade e de circulação, onde se destaca a importância dos percursos entre as habitações e os espaços de sociabilidade.

De forma a proporcionar segurança e tranquilidade na utilização dos espaços exteriores públicos, estes locais devem estar isolados do trânsito automóvel. Todavia, devem estar ligados à rede de peões e bicicletas (Manso, 2000). Assim criou-se uma via central e transversal aos quarteirões, que permite o atravessamento automóvel apenas para o acesso às garagens dos edifícios. Este percurso de acesso materializa-se com um pavimento próprio, para alertar os condutores a uma circulação de velocidade especialmente reduzida. Paralelamente, surge uma outra via apenas pedonal, que atravessa linearmente o interior dos quarteirões e integra os acessos às habitações dos diferentes edifícios do conjunto

habitacional. Esta via destinada a peões e bicicletas, está ela directamente ligada aos espaços de convívio e de equipamentos, garantindo assim o encontro entre pessoas.

Transversalmente formam-se percursos que acompanham o desnível do terreno, com escadas e rampas, ao longo do qual vão surgindo zonas de estar mais localizadas e isoladas, com diversas características e promovendo sempre um carácter de permanência através do mobiliário urbano e vegetação.



Fig.36 – Planta da hierarquia viária

### 7.2.1. Mobilidade

Num contexto prioritariamente pensado no âmbito das relações sociais no espaço público, deve-se ter em atenção que “as vizinhanças próximas devem ser concebidas de modo a permitirem uma ligação fácil dos espaços que as constituem entre si e com os espaços da envolvente.”<sup>5</sup>

Num projecto que envolve a criações de espaços públicos de utilização fortemente marcada por pessoas idosas, é importante pensar acima de tudo na facilidade com que se percorre o espaço. Uma vez que se trata de um local topograficamente acidentado, foi importante criar vários tipos de soluções para cada percurso. O uso das escadas existe para vencer os desníveis nos percursos de uma forma mais directa e imediata. Mas em alternativa existe sempre um sistema de rampas que se desenha no espaço, possibilitando assim o acesso a todas as áreas propostas por pessoas com mobilidade condicionada. As rampas têm uma inclinação de 5%, ou seja, abaixo do mínimo regulamentar, garantindo assim uma utilização pouco forçada. Este percurso rampeado é também apoiado com um conjunto de corrimões que auxiliam o percurso dos desníveis.

---

5 - PEDRO, J.B., 2002. *Programa habitacional: vizinhança próxima*. 3ª ed. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

### 7.3.Habitação no piso térreo

Os pisos térreos dos edifícios são habitações e destinam-se principalmente aos idosos. A ideia passa por interpretar a tipologia habitacional de bairro nos meios rurais, criando pequenos terraços de acesso privado a cada habitação, onde o morador pode manter a relação próxima com o espaço público, usufruindo do seu próprio espaço privado. Estes terraços são limitados por canteiros, onde se incentiva a plantação de sebes ou flores, contribuindo assim para o tratamento vegetal da área. Possibilitar às pessoas, principalmente aos idosos, uma forma de poderem contribuir para o cuidado do espaço exterior da sua zona de habitação, poderá ser um meio de garantir a necessidade física e psicológica e de promover o gosto pelo espaço comum que é um pouco de todos, sendo esta também uma forma de manter o espaço público mais qualificado e atractivo (Marcus e Francis, 1998).

Nas traseiras das habitações geram-se quintais com arrumos, onde os moradores poderão cultivar ou simplesmente cuidar, promovendo assim alguma actividade aos idosos e garantindo mais área tratada pelos habitantes sem constituir encargos públicos. Os quintais das diversas habitações são contíguos e limitados com muros que permitem a permeabilidade visual entre vizinhos.

Uma vez que a proposta criada respeita a morfologia natural do terreno, é possível tirar partido do solo e subsolo natural, factor que favorece a permanência de uma vegetação com qualidade e de manutenção reduzida, evitando o que acontece regularmente, onde o substrato é constituído por materiais de aterro com fertilidade reduzidíssima ou mesmo nula, praticamente sem matéria orgânica e substâncias nutritivas, como afirma Brandão (2002).



Fig.37 – Planta do quarteirão no piso térreo

#### 7.4.A influência do desnível no edifício

As habitações dos pisos térreos são desfasadas de forma a acompanhar o desnível do terreno e acessíveis individualmente através de um sistema de escadas e rampas. Este sistema permite um ritmo interessante em termos de articulação volumétrica no espaço, conferindo uma dinâmica de adaptação entre o edificado e o próprio terreno, como no exemplo de referência do projecto do atelier Holz Box Tirol em Innsbruck (fig.38).



Fig.38 – Imagem do edifício habitacional dos arquitectos Holz Box Tirol, Innsbruck.

Os pisos superiores são acessíveis através de um sistema de acessos verticais e, uma vez que os pisos são desfasados, os acessos às diferentes habitações é feito através de uma galeria desnivelada com escadas. Neste caso, de forma a garantir mobilidade a pessoas com mobilidade condicionada, propõe-se um sistema mecânico de auxílio. A galeria é aberta, conferindo maior proximidade de contacto entre os moradores e o espaço exterior.

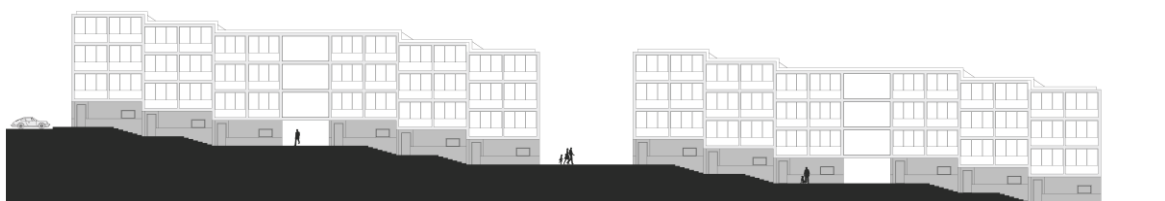


Fig.39 – Corte transversal do quarteirão

## 7.5. Tipologias

Nos pisos superiores dos edifícios criam-se zonas comuns aos moradores do complexo habitacional. Estes espaços variam entre zonas de estar e convívio, salas de festas ou espaços para actividades variadas. Desenvolvem-se nos locais próximos dos acessos verticais, promovendo desta forma o encontro voluntário entre os moradores.

As tipologias desenvolvidas baseiam-se em T0 e T1, sendo estas as mais indicadas para pessoas idosas, que normalmente se trata de um ou dois moradores. Entre cada tipologia existe alguma variação em termos de áreas e organização.

As dimensões dos fogos variam entre os 50 m<sup>2</sup> e 60 m<sup>2</sup> para as tipologias T0 e entre 65 m<sup>2</sup> e 105 m<sup>2</sup> para as tipologias T1.

As habitações do piso térreo organizam-se direccionando os espaços de serviço, como a cozinha e lavandaria, com contacto para o espaço de maior dinâmica pública e os espaços mais íntimos para o lado dos quintais privados. Já nos pisos superiores esta situação inverte-se, direccionando os espaços de estar da habitação para o espaço mais público, uma vez que a elevação do fogo já garante a privacidade e se pretende um contacto prioritário com o espaço público principal.

A organização pretende funcionar de uma forma flexível, utilizando portas de correr, que quando abertas mantêm uma funcionalidade muito fluida entre os espaços comuns e os espaços privados.



Fig.40 – Planta do piso térreo do edifício A.

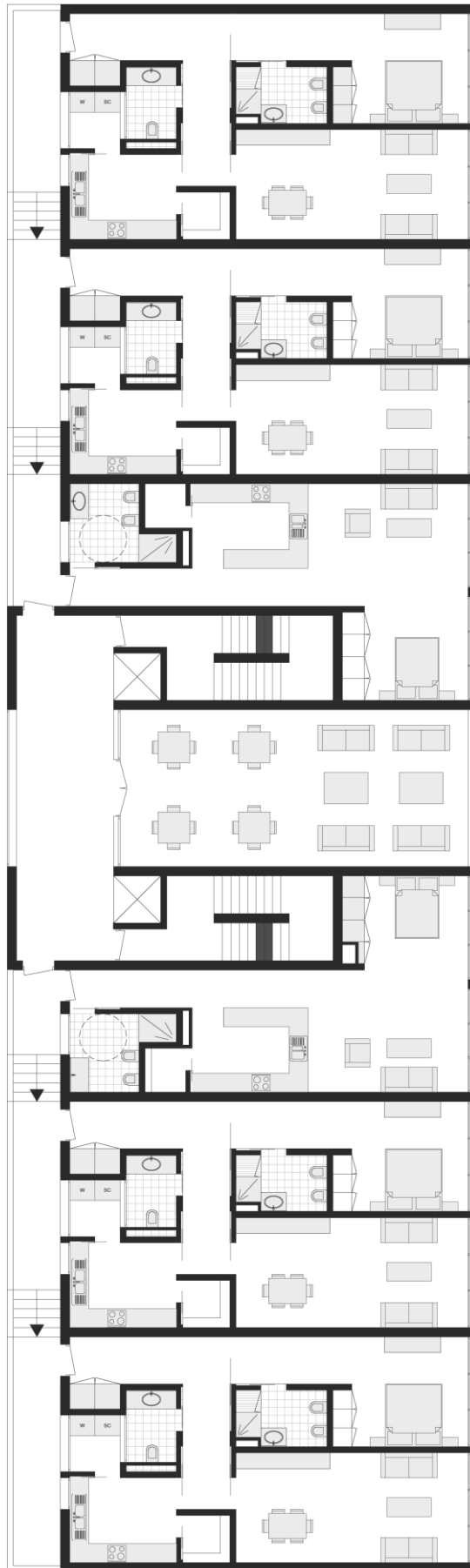


Fig.41 – Planta do piso tipo do edifício A.

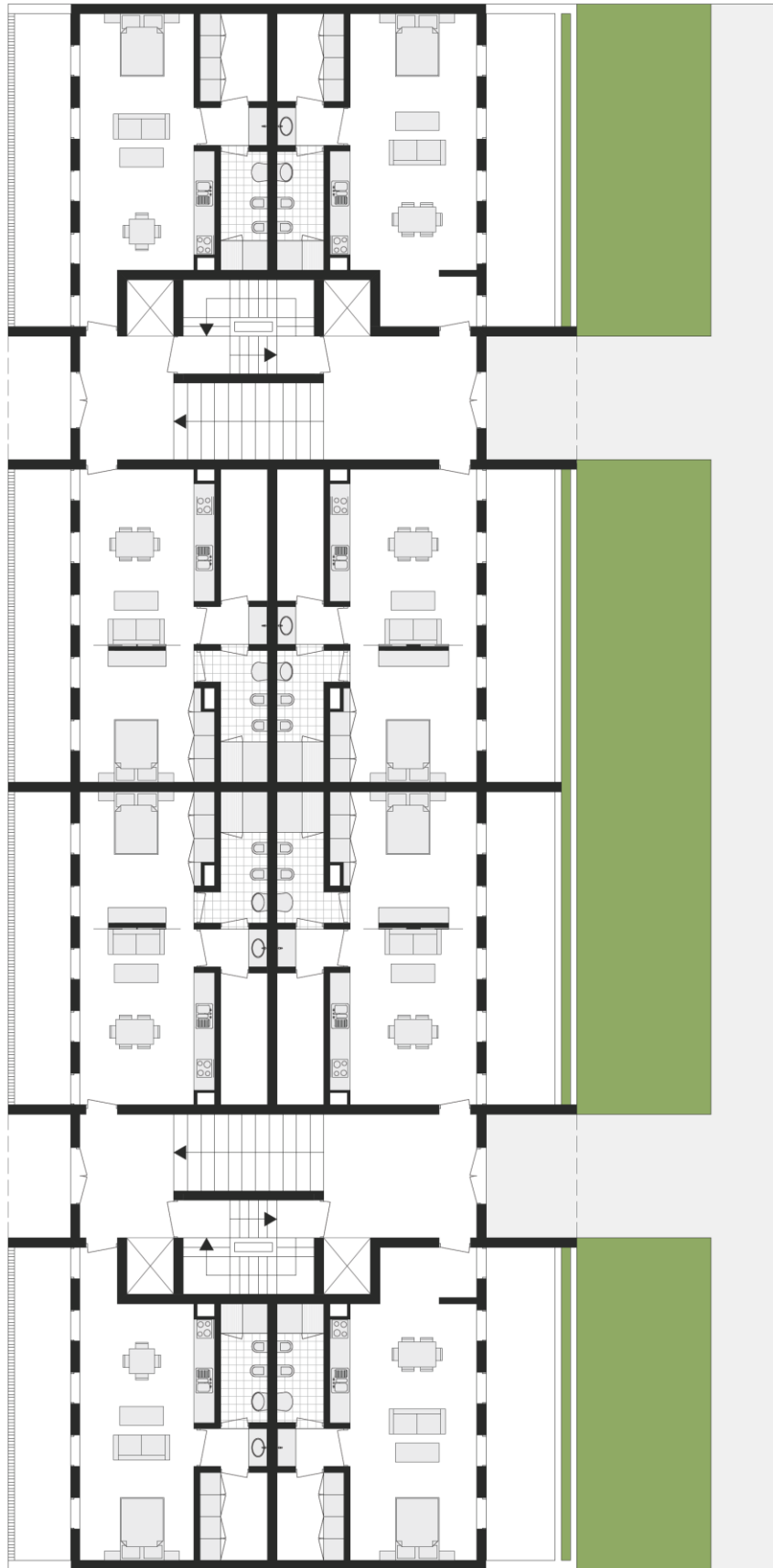


Fig.42 – Planta do piso térreo do edifício B.

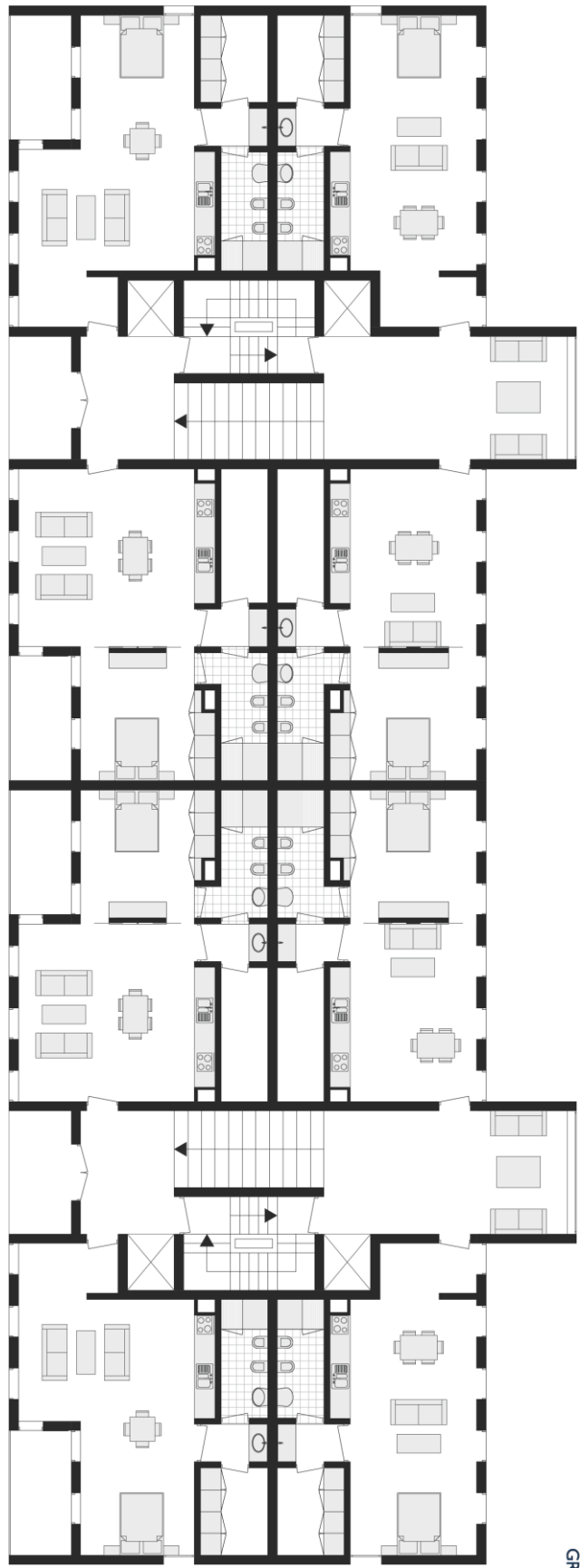


Fig.43 – Planta do piso tipo do edifício B.

## 7.6. Acessibilidades nas galerias superiores

Uma vez que, para vencer os desníveis entre habitações, as circulações de acesso a cada tipologia nos pisos superiores é com recurso a sistemas de escadas, propõe-se um mecanismo mecânico de mínima expressão no local. Este mecanismo acaba por se encontrar dissimulado no pavimento de circulação, acabando assim por se tornar quase imperceptível (fig. 24). A intenção para esta hipótese não é equipar por completo todos os lances existentes, mas sim poder ser instalado em questão de necessidade.

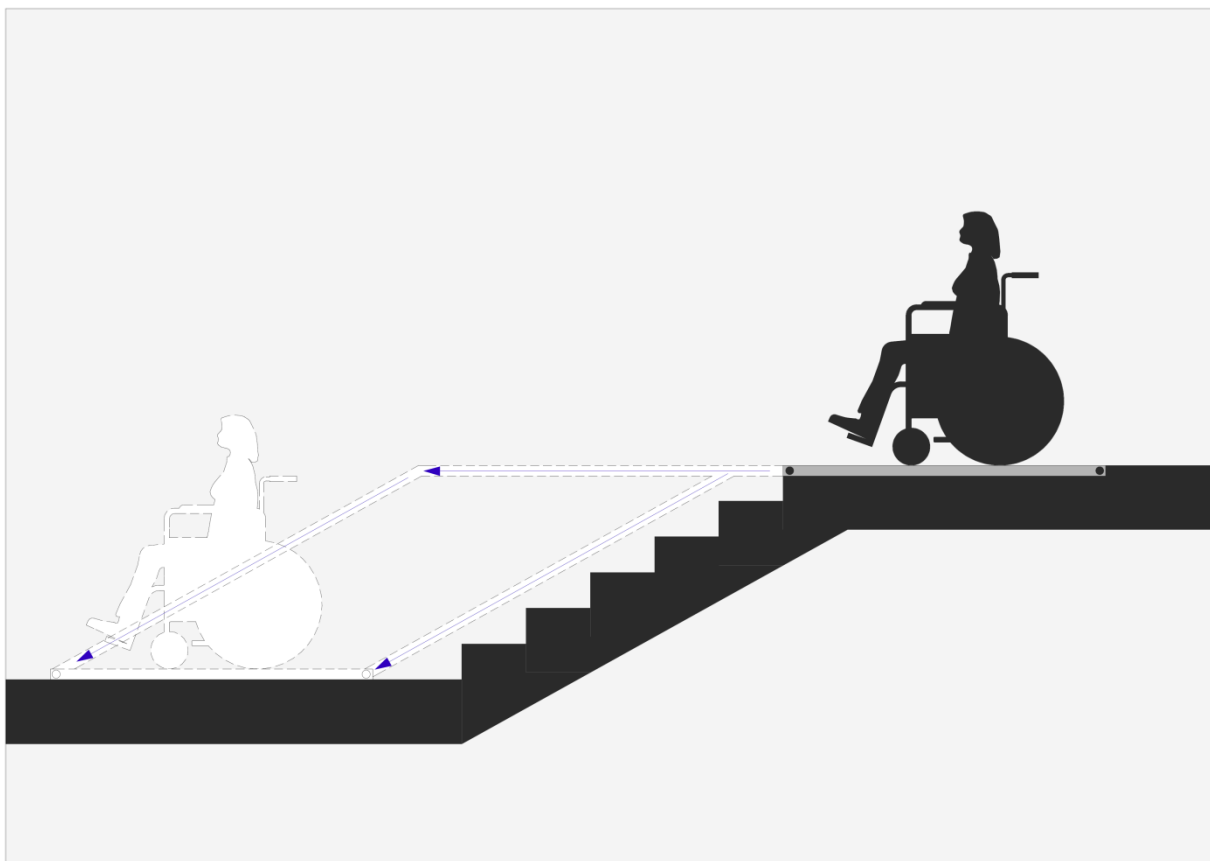


Fig.44 – Esquema de funcionamento do auxiliar mecânico de mobilidade

## 7.7. Estacionamento

O estacionamento localiza-se um piso inferior ao do piso térreo, com acesso através da via central, onde o trânsito automóvel é exclusivo para aceder ao estacionamento. Este acesso é feito no espaço entre os quintais térreos das habitações. Trata-se de um sistema de estacionamento que serve todo o conjunto dos três edifícios que compõem o quarteirão, como no exemplo de referência do projecto residencial dos Make Architects (fig.25), e funciona de forma contínua, ligando os diferentes quarteirões.

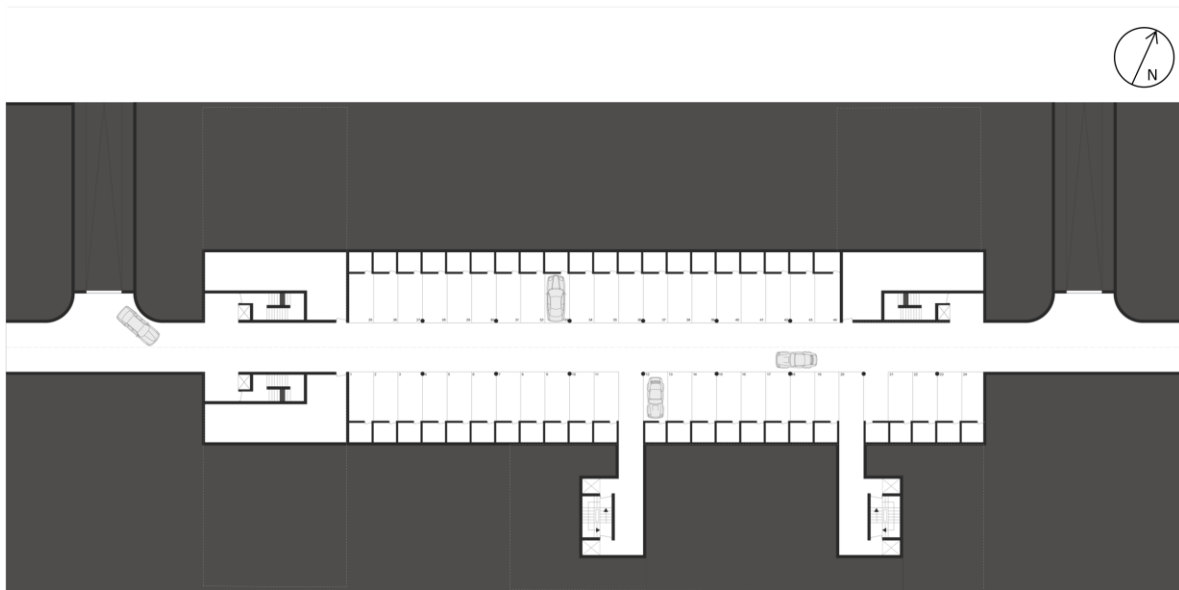


Fig.45 – Planta de estacionamento

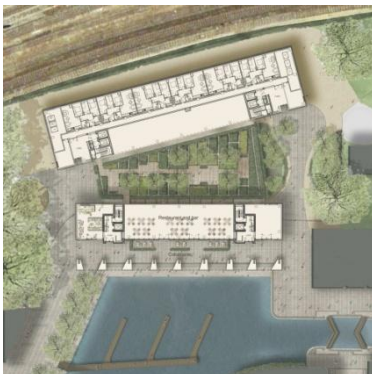


Fig.46 – Planta do conjunto habitacional em Londres (2009), projecto dos Make Architects.



Fig.47 – Corte do conjunto habitacional em Londres (2009), projecto dos Make Architects.

## 7.8.Tectónica

Os materiais que definem a “pele” dos edifícios procuram transmitir uma relação adaptada à natureza em que se insere e ao próprio contexto. Uma vez que a envolvente constitui um forte carácter de convívio e de permanência, é importante ter em conta a qualidade visual do edifício, aplicando materiais nobres e ligados à cultura dos utilizadores.

Nos pisos térreos propõe-se a utilização da pedra de granito, típica da zona e ligada à cultura intrínseca dos habitantes mais idosos, de forma a constituir uma sensação de embasamento do edifício em todo o piso térreo. Em contraste com este elemento frio, propõe-se um revestimento em madeira para os pisos superiores, elemento mais quente e mais apelativo ao conforto.

Os vãos encerram-se com janelas de correr de folha tripla, com caixilharia de alumínio de perfil reduzido, de forma a existir uma maior permeabilidade visual interior – exterior. As guardas são também em vidro, de forma a se obter uma transparência geral, uma vez que o vão é quase a totalidade do alçado de cada habitação.

As portas que ligam as habitações térreas com os quintais, são também de vidro, podendo-se encerrar também com uma porta de correr à face exterior da fachada, criando um sistema de positivo/negativo que varia ao longo do alçado.

## **Considerações finais**

Com a conclusão deste trabalho, é possível concluir em primeiro lugar, a forte tendência do envelhecimento da população, que continua a crescer acentuadamente até ao ano 2050. Este facto è relevante na medida em que cada vez mais a arquitectura deve ter em consideração o espaço urbano público e habitação destinada às pessoas idosas.

O espaço público de proximidade residencial, deve ser valorizado ao nível do projecto, uma vez que a maioria das pessoas mais idosas torna-se mais activa e participativa destes espaços e o planeamento deve sempre visar a autonomia e independência destes utilizadores.

O espaço de sociabilidade e promoção de relação entre vizinhos é importante não só para a qualidade urbana, mas também para incentivar a actividade humana na vida em comunidade, com o sentimento de que estes espaços são de todos nós e devemos contribuir para o seu tratamento e manutenção.

A proposta apresentada visa promover estas questões de uma forma natural, onde valoriza a vida em bairro, tentando diferenciar o espaço habitacional de conforto e sossego, do tráfego automóvel intenso e da vida agitada dos centros.

## **Bibliografia**

BRANDÃO, P., 2011. *O sentido da Cidade – Ensaio sobre o mito da imagem como Arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte.

BRANDÃO, P., CARRELO, M., ÁGUAS, S., 2002. *O chão da Cidade – Guia de avaliação do design do espaço público*. Lisboa: Centro Português do Design.

CARRILHO, M., J., 2002. *Evolução demográfica no período intercensitário 1991-2001*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.

CHUECA GOITIA, F., 1982. *Breve história do Urbanismo*. Lisboa: Editorial Presença.

COELHO, A. B., 2005. *Humanização e vitalização do espaço público urbano e residencial*. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

COSTA, J. P., 2005. *Bairro de Alvalade: Um paradigma no urbanismo português*. 2ª edição. Lisboa: Livros horizonte.

CULLEN, G., 2010. *Paisagem Urbana*. 3ª reimpressão da edição de 2006. Barcelona: Editorial Blume.

DOMINGUES, Á., 2006. *Cidade e Democracia: 30 anos de transformação urbana em Portugal*. Lisboa: Argumentum.

FEDDERSEN, E. LUDTKE, I., 2009. *Living for the Elderly – A Design manual*. Berlin: Birkhauser.

FORTUNA, C., 1999. Os novos espaços públicos: identidades e práticas culturais. *Revista crítica de ciências sociais*, 54, pp. 139-147.

FORTUNA, C., 2002. Culturas urbanas e espaços públicos: sobre as cidades e o novo paradigma sociológico. *Revista crítica de ciências sociais*, 63, pp. 123-148.

FRENCH, H., 2009. *Vivienda colectiva paradigmática del siglo XXI*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL.

HUBER, A., 2008. *New Approaches to housing for the second half of life*. Berlin: Birkhauser Verlag AG

JACOBS, J., 2000. *The death and life of great American cities*. Londres: Pimlico.

LYNCH, K., 1960. *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70.

MANSO, Á., 2000. *Espaços exteriores urbanos sustentáveis: guia de conceção ambiental*. Lisboa: Intervenção Operacional Renovação Urbana.

MARCUS, C.C., FRANCIS, C., 1998. *People Places – Design Guidelines for Urban Open Space*. 2<sup>nd</sup> ed. New York: John Wiley & Sons, Inc.

MOSTAEDI, A. *Homes for senior citizens*. Barcelona: Filabo, S.A.

NEUFERT, P., 2004. *Neufert – arte de projectar em arquitectura*. 17<sup>a</sup> ed. Editorial Gustavo Gili, SA.

Organização Mundial da Saúde (2007). *Guia global das cidades amigas das pessoas idosas*.

PEDRO, J.B., 2002. *Programa habitacional: vizinhança próxima*. 3<sup>a</sup> ed. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

PEIXOTO, J., 1990. Elogio da cidade. *Revista crítica de ciências sociais*, 30, pp. 97-110.

REGNIER, V., 2002. *Design for assisted living. Guidelines for housing the physically and mentally frail*. New York: John Wiley & Sons, Inc.

REGNIER, V., HAMILTON, J., YATABE, S., 1995. *Assisted living for the aged and frail. Innovations in Design, Management, and Financing*. New York: Columbia University Press.

SCHITTICH, C., 2007. in *DETAIL Housing for People of All Ages*. Munchen: Edition DETAIL.

TELES, P., 2006. *Os territórios (sociais) da mobilidade – um desafio para a Área Metropolitana do Porto*. Aveiro: Lugar do Plano.

## **Bibliografia electrónica**

COELHO, A. B., 2007. Sobre o Bairro de Alvalade de Faria da Costa: um exemplo bem actual de sustentabilidade urbana e residencial, *Infohabitar*, [Online]. Disponível em: «<http://infohabitar.blogspot.com/2007/03/sobre-o-bairro-de-alvalade-de-faria-da.html>» [Acesso em 13 de Dezembro de 2011].

COELHO, A. B., 2011. O convívio no habitar e no espaço urbano, *Infohabitar*, [Online]. Disponível em: «<http://infohabitar.blogspot.com/2011/03/o-convivio-no-habitar-e-no-espaco.html>» [Acesso em 13 de Dezembro de 2011].

Carrilho, M. J., Gonçalves, C., 2004. Dinâmicas Territoriais do Envelhecimento - análise exploratória dos resultados dos Censos 91 e 2001. [Online] INE. Disponível em: «[http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_estudos&ESTUDOSest\\_boui=106187&ESTUDOSstema=55466&ESTUDOSmodo=2](http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_estudos&ESTUDOSest_boui=106187&ESTUDOSstema=55466&ESTUDOSmodo=2)» [Acesso em 23 de Outubro de 2011].

Fonseca, A., M., n.d. Envelhecimento e qualidade de vida em Portugal: algumas evidências e outras tantas inquietações. [Online] Universidade Católica Portuguesa & Unifai. Disponível em: «[http://www.socialgest.pt/\\_dllds/APEnvelhecimentoeigualidadedevida.pdf](http://www.socialgest.pt/_dllds/APEnvelhecimentoeigualidadedevida.pdf)» [Acesso em 9 de Setembro de 2011].

Instituto Nacional de Estatística, 2003. Projecções de população residente em Portugal 2000-2050. [Online] INE. Disponível em: «<http://www.apfn.com.pt/Noticias/Mai2003/nascimentos.pdf> » [Acesso em 12 de Novembro de 2011].

# ANEXOS

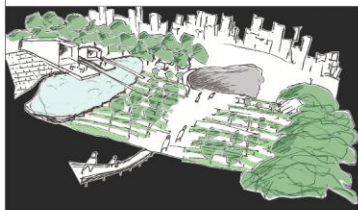
# Intervenção Urbana no Fontelo - Habitar e envelhecer no Séc. XXI

## Dinâmicas de espaços sociais - relações de vizinhança



Planta de implantação - 1:2000

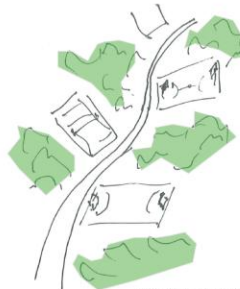
### Equipamentos



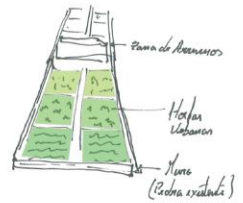
Esquisso do espaço de lazer



Esquisso do edifício cultural



Esquisso da zona desportiva



Esquisso do espaço de hortas



Universidade Católica Portuguesa / C.R.B. - Pólo de Viseu

Projecto Integrado Urbano (2º ano de Mestrado) - 2010/2011

"Intervenção Urbana no Fontelo - habitar e envelhecer no Séc. XXI"  
Dinâmicas de espaços sociais - relações de vizinhança

Aluno: Helder Almeida

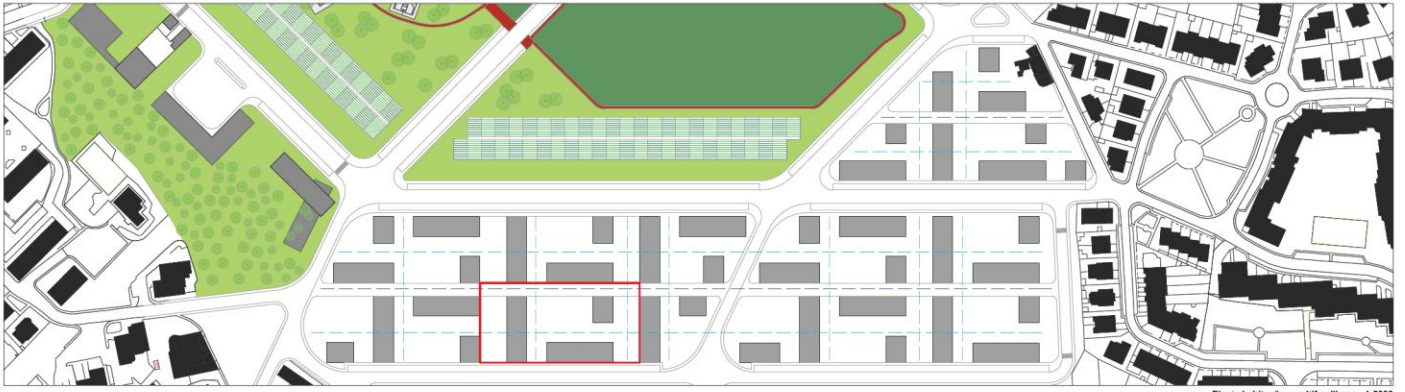
Escala: 1/2000

Docentes: Prof. Arq. Gonçalo Byrne, Arq. António Carvalho

23/01/2012



Panel 1



Planta habitações multifamiliares - 1:2000

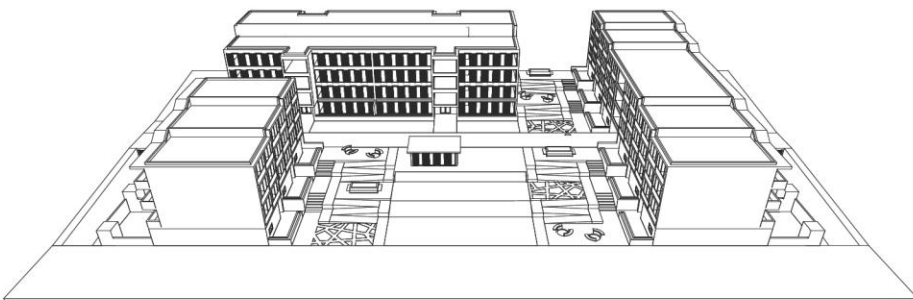
----- Percursos pedonais ou de acesso automóvel às habitações      - - - - - Percursos pedonais de atravessamento entre quarteirões      - - - - - Percursos pedonais de acesso às diferentes habitações      - - - - - Quarteirão a pormenorizar

T0  
T1



Planta habitações multifamiliares - 1:200

Rampa de acesso às garagens  
 Clarificação das habitações do piso térreo  
 Acesso aos pisos superiores  
 Terracota privada das habitações do piso térreo  
 Zona de estar no espaço público  
 Zona verde central ao conjunto habitacional  
 Equipamento público  
 Via de acesso automóvel às garagens  
 Entrada do edifício que ligam as duas entradas  
 Terracota privada das habitações do piso térreo  
 Via pedonal de acesso a todos os edifícios



Axonometria do conjunto habitacional



Universidade Católica Portuguesa / C.R.B. - Pólo de Viseu

Projecto Integrado Urbano (2º ano de Mestrado) - 2010/2011

"Intervenção Urbana no Fontelo - habitar e envelhecer no Séc. XXI"

Dinâmicas de espaços sociais - relações de vizinhança

Aluno: Helder Almeida

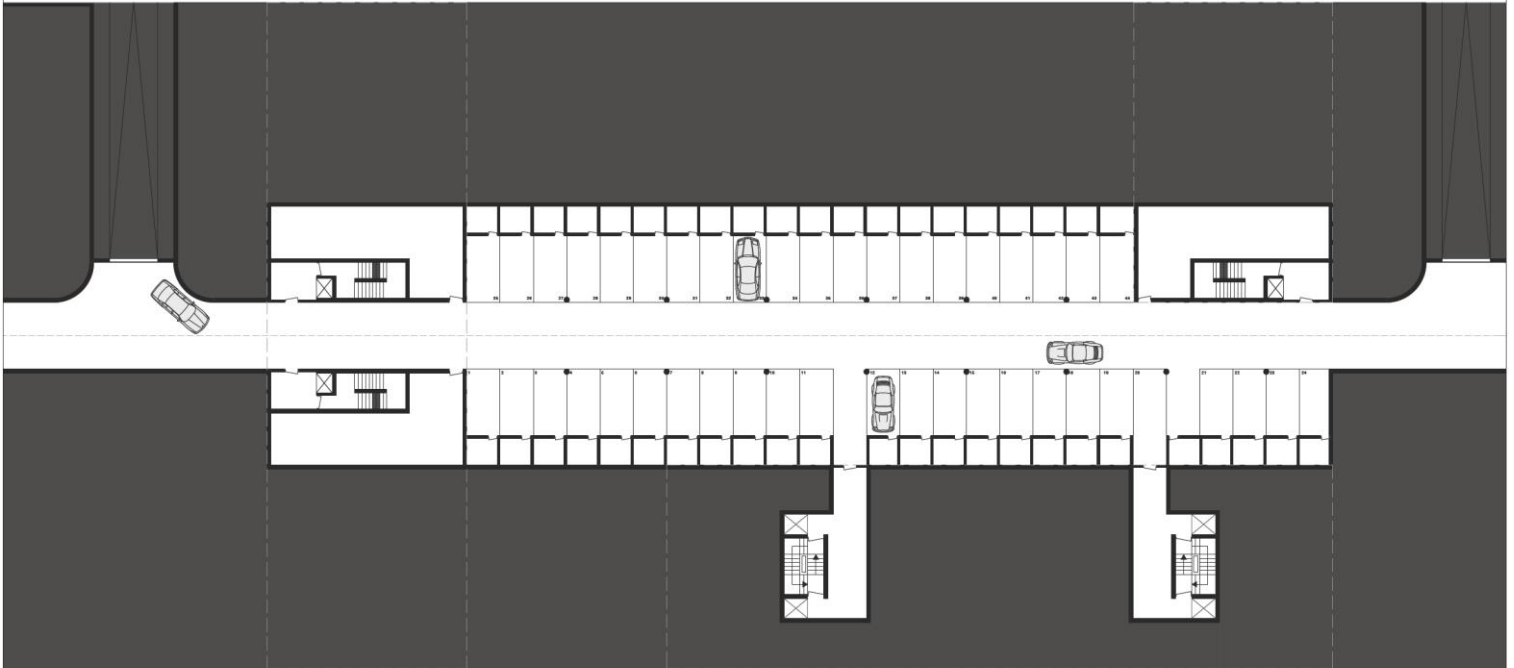
Escala: 1/2000, 1/200

Docentes: Prof. Arq. Gonçalo Byrne, Arq. António Carvalho

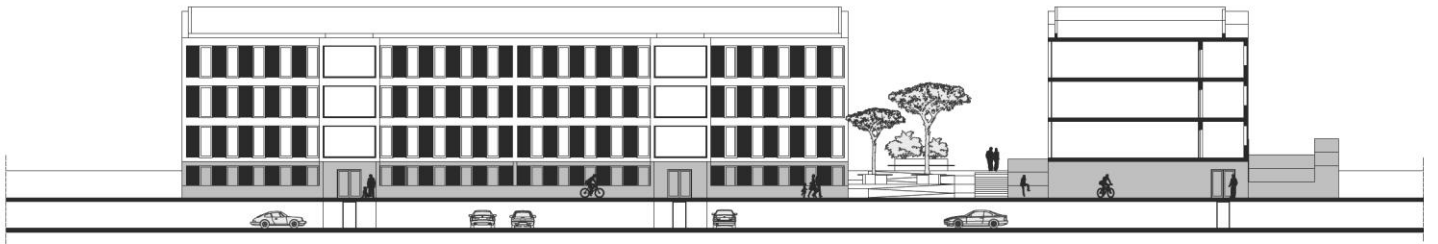
23/01/2012



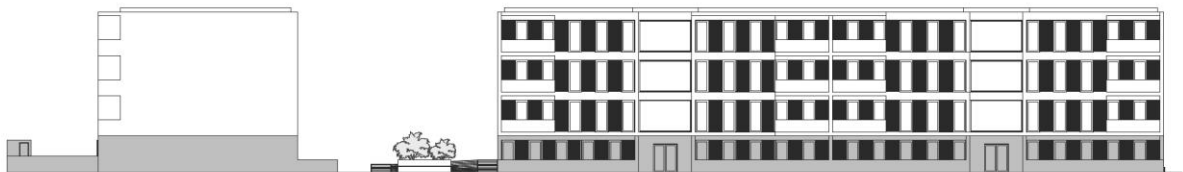
Painel 2



Planta de estacionamento - 1:200



Perfil longitudinal do quarteirão sobre a via pedonal - 1:200



Perfil longitudinal do quarteirão à cota superior - 1:200



Universidade Católica Portuguesa / C.R.B. - Pólo de Viseu

Projecto Integrado Urbano (2º ano de Mestrado) - 2010/2011

"Intervenção Urbana no Fontelo - habitar e envelhecer no Séc. XXI"  
Dinâmicas de espaços sociais - relações de vizinhança

Aluno: Helder Almeida

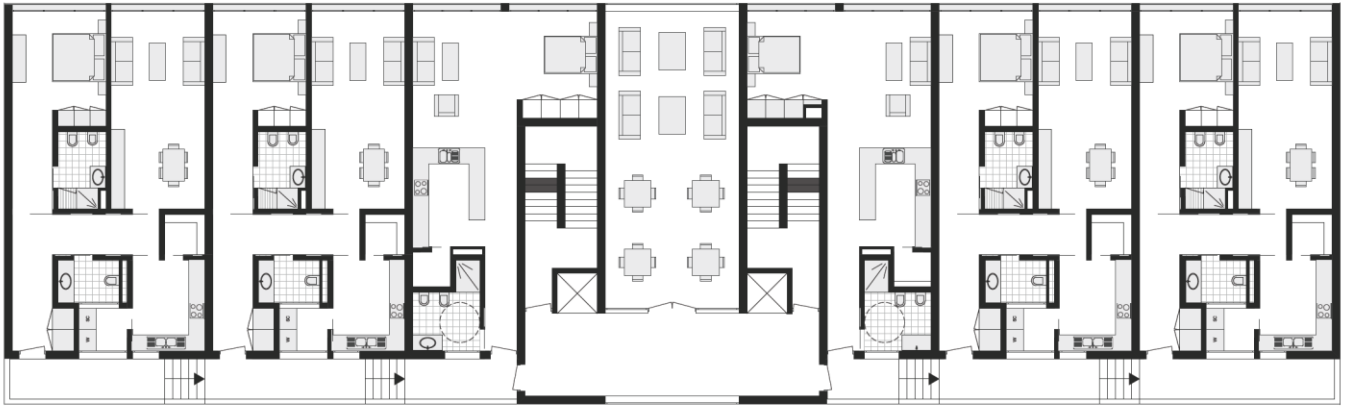
Escala: 1/200

Docentes: Prof. Arq. Gonçalo Byrne, Arq. António Carvalho

23/01/2012



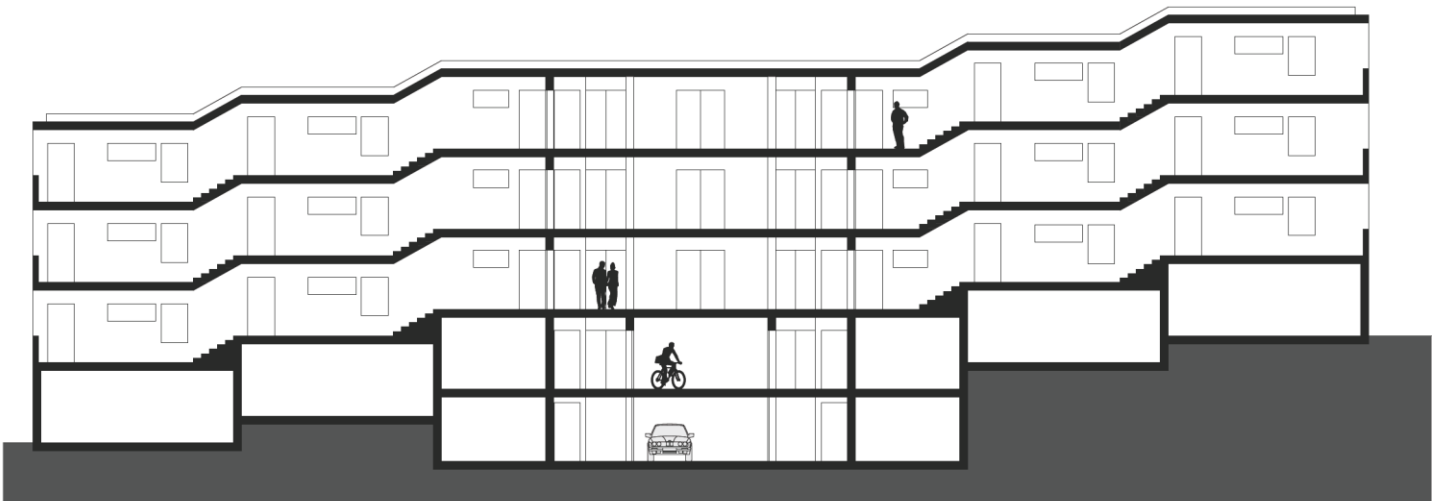
**Painel 3**



Planta piso 1º - 1:100



Planta piso térreo - 1:100



Corte longitudinal pelas galerias - 1:100

Universidade Católica Portuguesa / C.R.B. - Pólo de Viseu

Projecto Integrado Urbano (2º ano de Mestrado) - 2010/2011

"Intervenção Urbana no Fontelo - habitar e envelhecer no Séc. XXI"  
Dinâmicas de espaços sociais - relações de vizinhança

Aluno: Helder Almeida

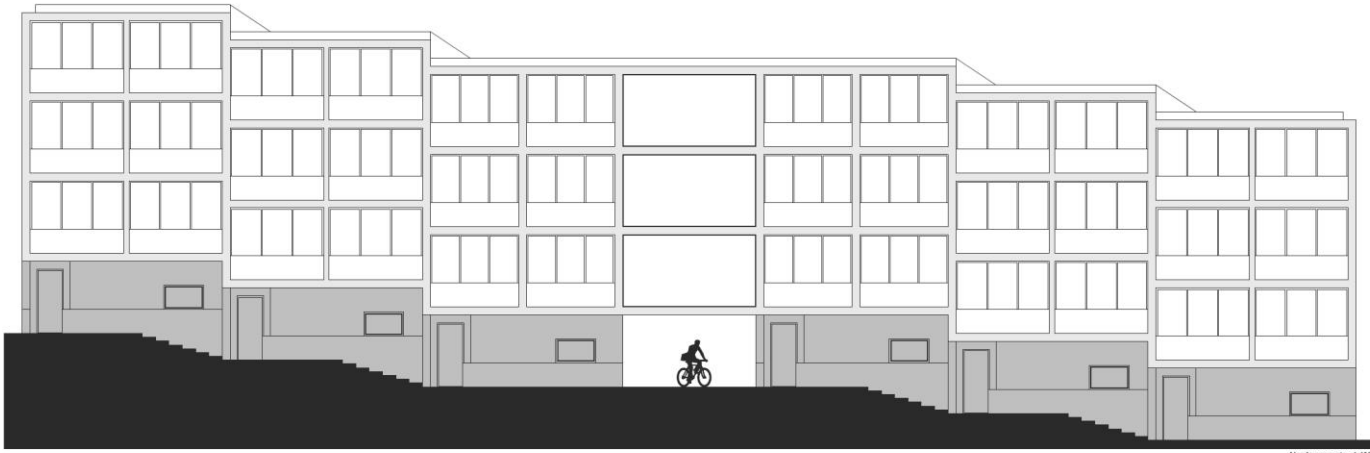
Escala: 1/100

Docentes: Prof. Arq. Gonçalo Byrne, Arq. António Carvalho

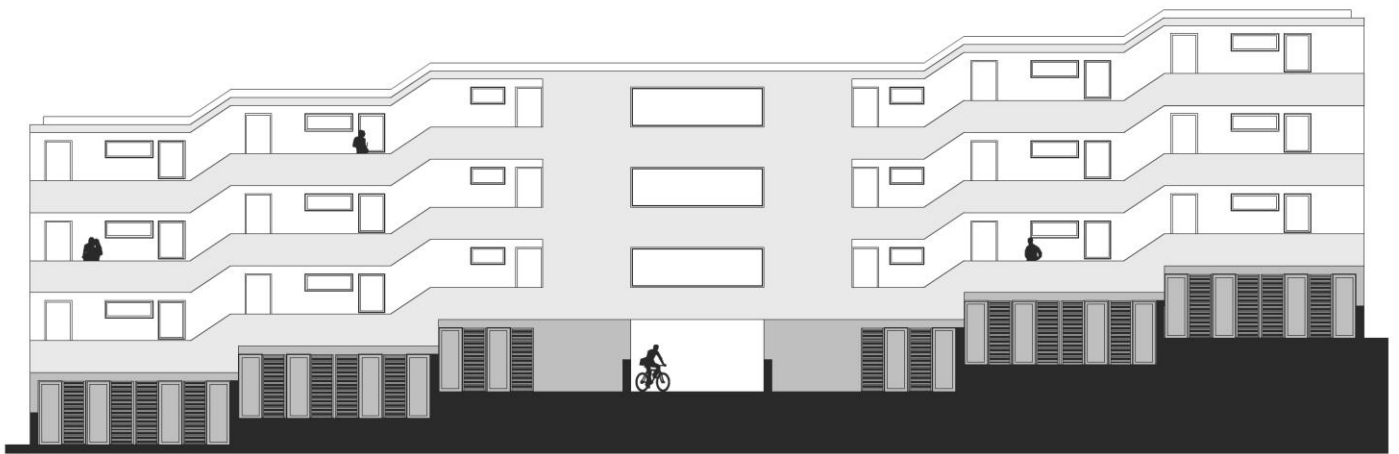
23/01/2012



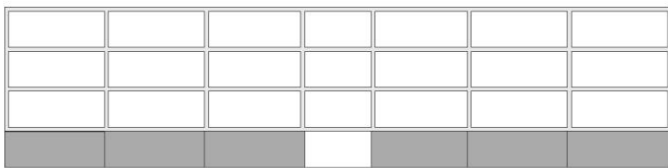
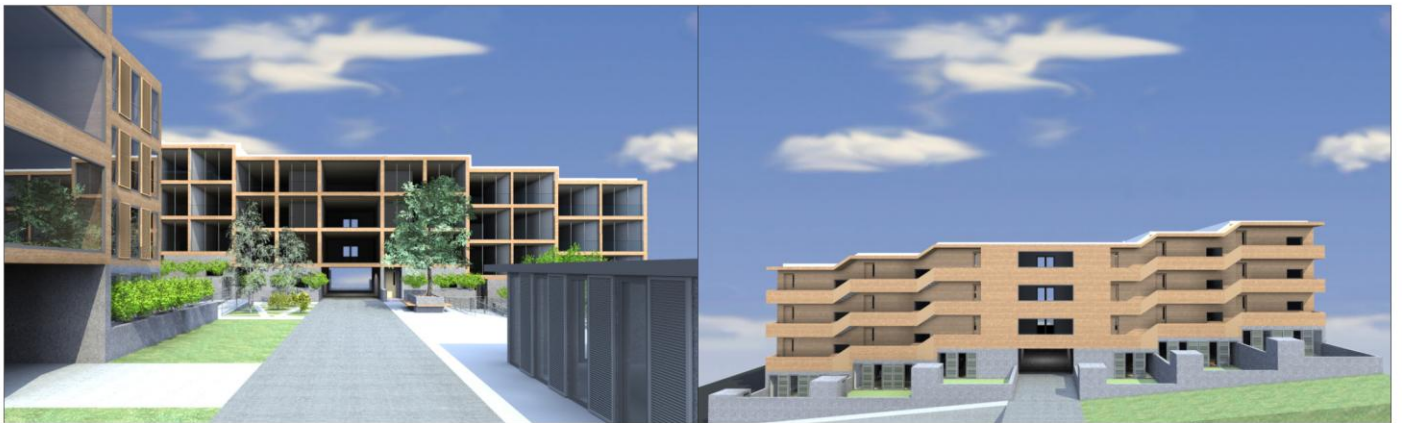
Painel 4



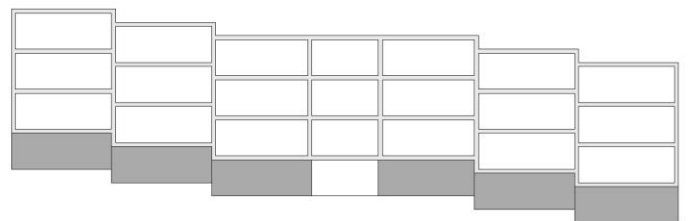
Alçado nascente - 1:100



Alçado poente - 1:100



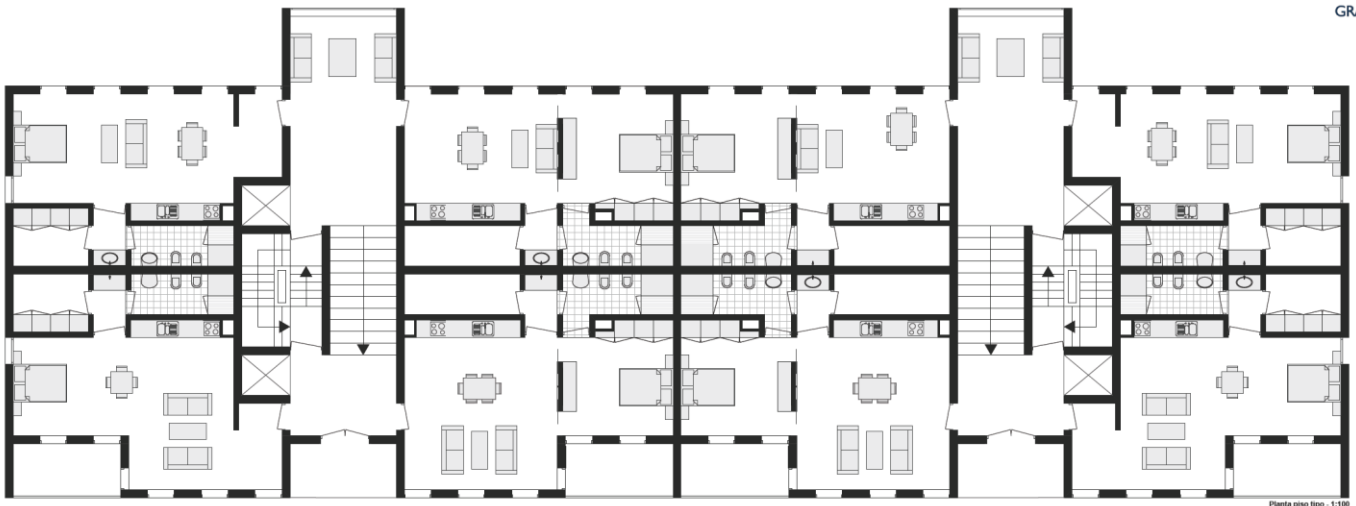
=



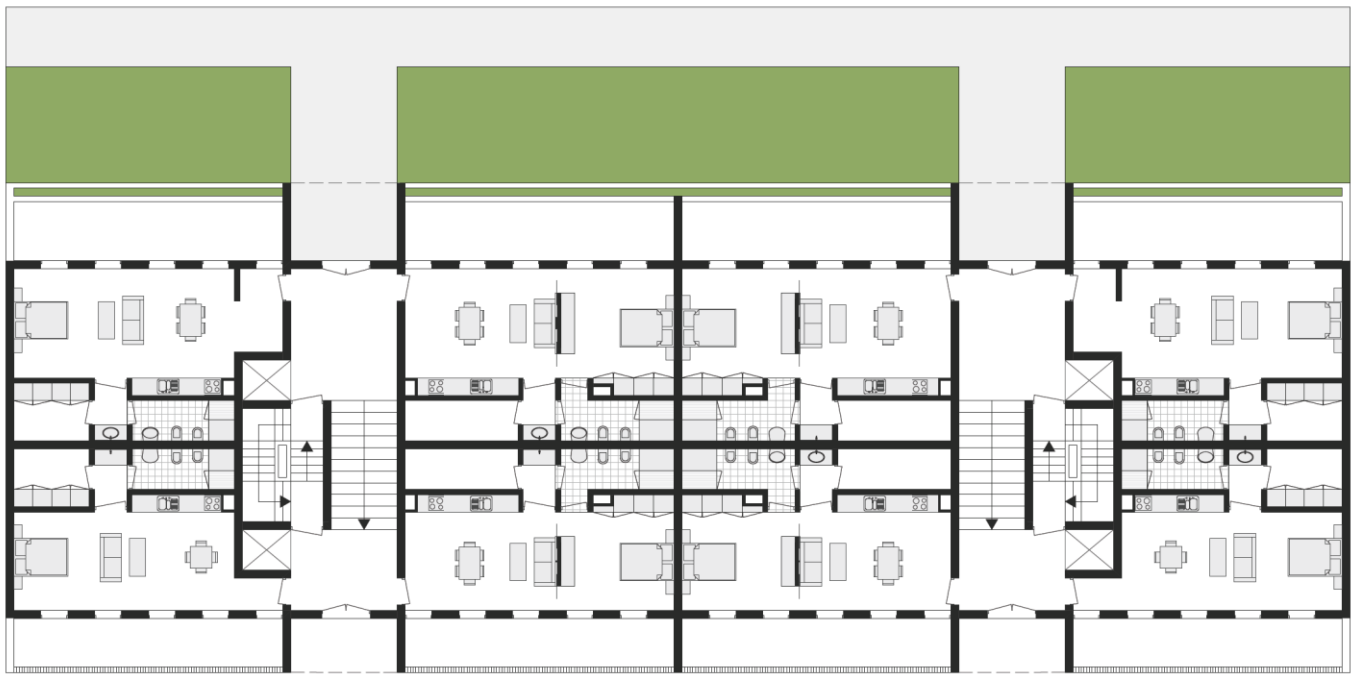
+



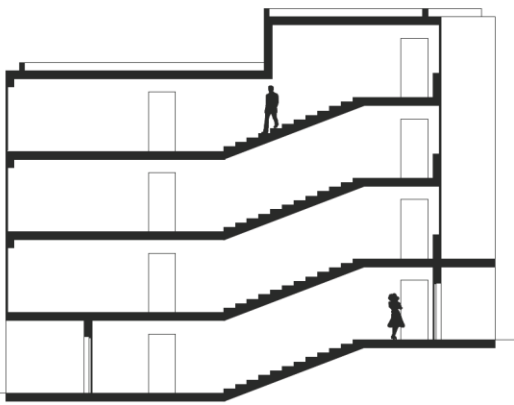
Universidade Católica Portuguesa / C.R.B. - Pólo de Viseu		
Projecto Integrado Urbano (2º ano de Mestrado) - 2010/2011		
"Intervenção Urbana no Fontelo - habitar e envelhecer no Séc. XXI"		
Dinâmicas de espaços sociais - relações de vizinhança		
Aluno: Helder Almeida	Escala: 1/100	
Docentes: Prof. Arq. Gonçalo Byrne, Arq. António Carvalho	23/01/2012	<b>Painel 5</b>



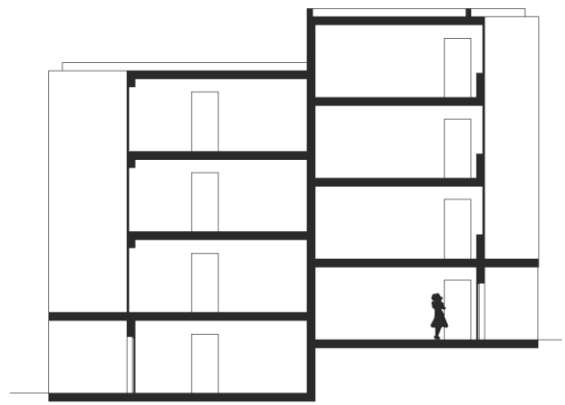
Planta piso tipo - 1:100



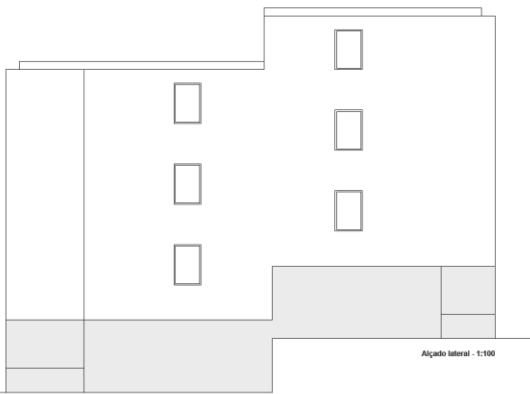
Planta piso térreo - 1:100




Corte transversal pelo acesso ao edifício - 1:100



Corte transversal pelas habitações - 1:100



Alçada lateral - 1:100

Universidade Católica Portuguesa / C.R.B. - Pólo de Viseu		
Projecto Integrado Urbano (2º ano de Mestrado) - 2010/2011		
"Intervenção Urbana no Fontelo - habitar e envelhecer no Séc. XXI"		
Dinâmicas de espaços sociais - relações de vizinhança		
Aluno: Helder Almeida	Escala: 1/100	
Docentes: Prof. Arq. Gonçalo Byrne, Arq. António Carvalho	23/01/2012	